

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E NATURAIS
DEPARTAMENTO DE LÍNGUAS E LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS
LINGUÍSTICOS

JULIENE DO NASCIMENTO DANTAS

UM ESTUDO SOBRE AS RELAÇÕES SINTÁTICO-
SEMÂNTICAS DO VERBO *PASSAR* PARA
IDENTIFICAÇÃO DE VERBO-SUORTE

Vitória
2011

JULIENE DO NASCIMENTO DANTAS

UM ESTUDO SOBRE AS RELAÇÕES SINTÁTICO-
SEMÂNTICAS DO VERBO *PASSAR* PARA
IDENTIFICAÇÃO DE VERBO-SUPORTE

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos do Departamento de Línguas e Letras do Centro de Ciências Humanas e Naturais da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Estudos Linguísticos, na área de concentração Estudos Analítico-descritivos.

Orientadora: Profa. Dra. Aucione Das
Dores Smarsaro.

Vitória
2011

JULIENE DO NASCIMENTO DANTAS

UM ESTUDO SOBRE AS RELAÇÕES SINTÁTICO-
SEMÂNTICAS DO VERBO *PASSAR* PARA
IDENTIFICAÇÃO DE VERBO-SUPORTE

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Estudos Lingüísticos do Departamento de Línguas e Letras do Centro de Ciências Humanas e Naturais da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Estudos Lingüísticos, na área de concentração Estudos Analítico-descritivos.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Aucione Das Dores Smarsaro. – Orientadora
Universidade Federal do Espírito Santo

Profa. Dra. Lúcia Helena Peyroton da Rocha
Universidade Federal do Espírito Santo

Prof. Prof.^a Dr.^a Violeta Virginia Rodrigues
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Agradecimentos

Agradecer pode não ser tarefa fácil, nem justa. Para não correr o risco da injustiça, agradeço de antemão a todos que de alguma forma passaram pela minha vida e contribuíram para a construção de quem sou hoje.

Assim, agradeço, primeiramente, a Deus, o que seria de mim sem a fé que eu tenho nEle.

Aos meus pais, irmãos e toda minha família que, com muito carinho e apoio, não mediram esforços para que eu chegasse até esta etapa de minha vida.

À professora *Aucione Smarsaro* por compartilhar seu tamanho conhecimento e sabedoria, pela paciência na orientação, pelo carinho e incentivo que tornaram possível a conclusão desta dissertação.

À professora *Lúcia Helena Peyroton*, por ter sido minha primeira orientadora desde a iniciação científica e ter despertado em mim o amor à pesquisa, pelo convívio, pelo apoio, pelo carinho, pela compreensão e pela amizade.

A todos os professores do Departamento de Línguas e Letras da UFES, em especial, *Penha Lins, Hilda Olímpio, Marta Scherre, Lilian Yacovenco e Regina Egito* que foram tão importantes na minha vida acadêmica e no aperfeiçoamento dos meus conhecimentos.

Aos amigos e colegas do mestrado, em especial, *Gesy, Gabi, Stefânia, Heitor, Astrid e Vangevaldo* pelas risadas, pela aprendizagem, pelo incentivo e pelo apoio constantes.

Às amigas *Natalia e Kezia*, pelo incentivo, força, amizade, carinho que dispensaram a mim.

Aos meus amigos que fiz no SESI, não citarei nomes, pois posso esquecer algum e saibam que estão todos em meu coração, tenham certeza que vocês foram muito importantes na minha caminhada, por entenderem, muitas vezes, a minha ausência no trabalho em função do mestrado... Agradeço à Instituição SESI por ter patrocinado muitos congressos e encontros da minha área de

atuação e sempre ter acreditado no meu trabalho e no meu desempenho acadêmico.

Ao *Silvan*, por ter entrado em minha vida nas “considerações finais”, mas que foi, e é, muito importante tê-lo ao meu lado e saber que tenho um admirador constante.

Aos meus *alunos* e *alunas* que sempre entenderam a minha posição de “aluna” que está sempre a buscar mais e mais para socializar com eles... por terem sempre um sorriso às 7h da manhã e me motivarem, cada vez mais, a continuar aprendendo a aprender e aprender ao ensinar.

A **TODOS** um muito obrigada!

RESUMO

Neste trabalho estudam-se as estruturas compostas pelo verbo *Passar*+SN a fim de identificar seu uso como verbo-suporte. São observadas 90 estruturas com o objetivo de desenvolver um estudo descritivo dos tipos de estruturas constituídas com o verbo *Passar* + SN (sintagma nominal), levando em consideração as propriedades distribucionais que estão relacionadas à natureza dos seus complementos, tendo em vista a grande ocorrência dessas formações e seu uso no espaço da linguagem, a fim de identificar as estruturas que se comportam como verbo-suporte. Para isso, utilizam-se alguns princípios da gramática de valências, dos estudos funcionalistas, dos estudos do léxico e dos critérios de identificação propostos pelo Léxico-gramática.

Palavras-chave: *verbo; verbo-suporte; descrição gramatical*

ABSTRACT

In this paper we study the structures made by the verb + NS Skip to identify its use as a support verb. 90 structures are observed in order to develop a descriptive study of the types of structures formed with the verb Skip SN + (noun phrase), taking into account the distributional properties that are related to the nature of their complements, in view of the wide occurrence of these formations in space and its use of language in order to identify the structures that behave like verb-support. For this, we use some principles of the grammar of valences, the functionalist studies, studies of the lexicon and the identification criteria proposed by the lexicon-grammar.

Keywords: *verb, verb-support; grammatical description*

O verbo é a chave

Se existe uma chave para a sintaxe do português, é o verbo.

Mário A. Perini
(*Gramática do Português Brasileiro, 2010*)

SUMÁRIO

1.	INTRODUÇÃO.....	10
2.	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	15
2.1	A TEORIA DO LÉXICO-GRAMÁTICA.....	15
2.2	A TEORIA DAS VALÊNCIAS – A GRAMÁTICA DE VALÊNCIAS.....	19
2.3	A TEORIA FUNCIONALISTA.....	23
3.	METODOLOGIA.....	26
3.1	<i>CORPUS</i>	28
4.	O ESTUDO DE VERBO.....	29
4.1	VERBOS À LUZ DA GRAMÁTICA.....	30
4.2	O VERBO PLENO À LUZ DA GRAMÁTICA DE VALÊNCIAS.....	33
4.3	O VERBO-SUPORTE À LUZ DA TEORIA DO LÉXICO-GRAMÁTICA.....	34
5.	APLICANDO ALGUNS TESTES FORMAIS.....	39
5.1	TRANSFORMAÇÕES DE FRASE ATIVA PARA FRASE RELATIVA E A REDUÇÃO DO VERBO-SUPORTE.....	40
5.1.1	Quantificação do complemento.....	59
5.2	TRANSFORMAÇÕES DE FRASES EM VOZ ATIVA PARA VOZ PASSIVA.....	62
5.3	DISTRIBUIÇÃO SINTÁTICA DOS ITENS.....	64
5.4	COORDENAÇÃO DOS ITENS.....	66
5.4.1	Verbo pleno x verbo suporte.....	67
5.4.2	Verbo suporte x expressão fixa.....	68
5.5	PRONOMINALIZAÇÃO.....	69

5.6	SUBSTITUIÇÃO.....	70
6.	ESTRUTURAS INTERNAS DAS CONSTRUÇÕES COM VERBO-SUPORTE.....	71
7.	CONCLUSÃO.....	75
8.	REFERÊNCIAS.....	83
9.	ANEXOS.....	87

1. INTRODUÇÃO

O Léxico é de grande valor para nós, falantes, já que é visto como o componente que faz conexão entre o sistema linguístico e o mundo dos objetos. Assim possui determinadas propriedades que permitem que se estabeleça a comunicação por meio da língua. Esta importância se faz presente, ainda, na dimensão que as palavras podem alcançar, dependendo da estruturação sintática do enunciado. Desse modo, a descrição voltada para o estudo do léxico é fundamental se partirmos das possibilidades sintático-semânticas que seus componentes podem revelar.

As relações sintáticas, que estabelecem as relações entre os itens lexicais, são condição para que se descubram as propriedades semânticas presentes em cada componente lexical. Aliada a essas relações, temos a pragmática que seria a soma das duas no uso: tanto a parte semântica quanto a sintática.

Toda palavra possui um significado, o qual pode ser encontrado, na maioria das vezes, nos dicionários das diferentes línguas. No entanto, ao engajá-la em meio a um contexto, a palavra adquire sentidos, os quais nem sempre estão dicionarizados ou, até mesmo, não são conhecidos por todos os falantes. Se partirmos do pressuposto de que nos comunicamos, na maioria das vezes, por metáforas (LAKOFF, 1980), consideraríamos, ainda mais, o uso de outros sentidos que fogem do sentido canônico das palavras. CANÇADO (2008) reforça essa afirmação atribuindo a tarefa de dar sentido aos enunciados ao usuário da língua:

Todo falante sabe que dar o significado das palavras não é uma tarefa fácil. Às vezes, pensamos que sabemos o significado de determinada palavra, mas, quando tentamos estabelecê-lo exatamente, ele nos foge. Isso se deve ao fato de o significado, na maioria das vezes, estabelecer-se a partir de um determinado contexto. Geralmente é mais fácil definir uma palavra se esta é dada no contexto de uma sentença. Efeitos contextuais podem direcionar os significados das palavras para diferentes caminhos.

Por exemplo, se construirmos o seguinte enunciado:

João *passou* no vestibular

O verbo *passar*, neste caso, está sendo utilizado com um sentido diferente do prototípico, a saber, *Passar*, de acordo com o dicionário eletrônico Houaiss, significa *atravessar, deslocar-se*. Nesse enunciado que serve de exemplo ele adquire o sentido de *ser aprovado*. Esse é um dos exemplos que nos motivou a pesquisar os enunciados linguísticos que contêm o verbo *Passar*.

Essa variação de sentido é possível porque os falantes de uma determinada língua conseguem apreender o sentido das palavras porque são movidos, principalmente, por questões de ordem pragmática e discursiva. O uso e os sentidos das palavras nada mais são do que um intercâmbio de uma convivência num meio em que o falante está exposto a contextos diferenciados, permitindo a construção de um item lexical simples, composto ou participante de uma expressão. Segundo BASÍLIO (2002), o léxico seria como um local de interface sociocultural, porque permite a formação de palavras novas para atender às nossas necessidades de comunicação. Percebemos, no entanto, que nem sempre a criação de palavras é necessária, já que o falante se vale de palavras já existentes, atribuindo-lhes novos sentidos.

Desse modo, o estudo do verbo na língua portuguesa, embora seja uma temática bastante abordada por linguistas e estudiosos da área descritivo-sistemática da linguagem, ainda é possível reconhecer por meio do uso da língua que constitui estruturas diversas da abordagem apresentada pelas gramáticas. A questão que se coloca está relacionada ao reconhecimento das estruturas plurissignificativas com o verbo *passar*, bem como a definição de critérios para identificá-las e distingui-las, visto que é possível a sua realização nas dimensões de verbo pleno, verbo suporte, e ainda na constituição de expressões fixas, conforme atesta o *corpus*.

Nesta pesquisa, portanto, pretende-se analisar as estruturas com o verbo *passar* por meio das propriedades sintático-semânticas que caracterizam o comportamento do verbo na sua relação com os seus argumentos, atribuindo-lhe diferentes sentidos. Tentar responder, através de um número significativo de ocorrências e análises, como o verbo *passar* realiza-se de formas distintas uma das outras, buscar identificar padrões para o uso e sentido de cada ocorrência e expondo que os itens léxicos, além dos traços específicos que o individualizam, transportam potencialmente propriedades que dão direção ao léxico para ser entendido como um todo. Acolhemos a noção de propriedade assim como BORBA (2007):

Entendendo-se propriedade não apenas como qualidade inerente, mas ainda como capacidade ou possibilidade, percebe-se que se hierarquizam aquelas que são próprias do léxico. Assim, são as propriedades sintáticas que comandam as demais. As propriedades sintático-semânticas servem de base para a classificação dos itens lexicais.

Assim, além do valor da descrição sintática, é de suma importância utilizar ao máximo o que é previsível e determinado dentro da língua e explorar o que ela oferece em termos de interpretação e expressividade, nem sempre previsíveis, porque dependem também de fatores extralinguísticos, como a situação e o conhecimento compartilhado. Para tanto, o objetivo da investigação apresenta-se da seguinte forma:

OBJETIVO GERAL

Esta pesquisa tem como objetivo desenvolver um estudo descritivo dos tipos de estruturas constituídas com o verbo *Passar* + SN (sintagma nominal), levando em consideração as propriedades distribucionais que estão relacionadas à natureza dos seus complementos, tendo em vista a grande ocorrência dessas formações e seu uso no espaço da linguagem, a fim de identificar as estruturas que se comportam como verbo-suporte. Para isso, utilizam-se alguns princípios da gramática de valências, dos estudos funcionalistas, dos estudos do léxico e dos critérios de identificação propostos pelo Léxico-gramática.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Estudar as estruturas de verbo *Passar* + SN a fim de instituir as relações de sentidos que se estabelece na interação verbal. Logo, pretendemos observar, analisar e descrever quais são as características dessas sequências de palavras, constituídas de *passar* mais nome; quais os fatores que interferem e determinam o uso do verbo como verbo pleno, verbo-suporte ou até mesmo expressão fixa, definindo critérios que possam identificar essas diferentes formas de ocorrência.

Para descrever as propriedades estruturais de cada construção, alguns passos serão seguidos:

- selecionar as sequências de estruturas com o verbo *passar* ;
- descrever o comportamento sintático, semântico e discursivo dos elementos que compõem as sequências, a partir de suas propriedades estruturais;
- definir critérios linguísticos que permitam identificar de modo operativo e reproduzível as estruturas;
- aplicar os testes formais em cada estrutura constituída pelo verbo *passar* + SN;
- reconhecer estruturas ambíguas em que o verbo *passar* apresenta-se como verbo pleno, suporte, ou expressão fixa, de acordo com os pressupostos da Teoria do Léxico-gramática;
- classificar as realizações do verbo *passar* + SN, a partir das estruturas listadas no *corpus*, como pleno, suporte ou expressão fixa.

Com essa descrição, desejamos estabelecer um conjunto de propriedades definidoras e diferenciadoras das construções com o verbo *passar*, a fim de

chegar a uma classificação, levando em conta as restrições distribucionais, o julgamento de aceitabilidade, a natureza funcional dos argumentos, a ambiência linguística, entre outros aspectos.

Contemplaremos, nesta pesquisa, a seguinte estruturação: **no capítulo I**, aqui tratado, apresentamos o tema e a motivação de nosso estudo de descrição do verbo *passar* e dos itens que o circundam; bem como explicitamos os objetivos, gerais e específicos, que nortearão nossa investigação; **o capítulo II** abarca as Teorias que sustentarão e embasarão nossas análises; **o capítulo III** comporta a metodologia que adotamos para o melhor desenvolvimento da prática de descrição; **o capítulo IV** contempla uma abordagem sobre o estudo dos verbos e suas principais nomenclaturas; **o capítulo V** apresenta a explanação sobre a importância da aplicabilidade dos testes formais no *corpus*; **o capítulo VI** explicita, por meio de testes, as diferenças entre verbo pleno, verbo-suporte e expressão fixa; e, por fim, teceremos algumas importantes observações que delinearão a conclusão apresentada no **capítulo VII**.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 A TEORIA DO LÉXICO-GRAMÁTICA

O estudo do verbo a partir da Teoria do Léxico-gramática vem de longa data, principalmente os estudos voltados para a prática de descrição para fins computacionais que, no momento, não é o nosso caso. A Teoria do Léxico-gramática aparece com o intuito de instituir uma metodologia capaz de descrever as relações morfossintático-semântica dos componentes do léxico de uma determinada língua. Esta Teoria foi desenvolvida pelo linguista Maurice Gross (1975, 1981, 1994) a fim de estabelecer critérios para uma descrição exaustiva e satisfatória dos elementos linguísticos da língua.

Para dar uma fundamentação teórica à sua Teoria, Maurice Gross valeu-se dos estudos do linguista Zellig Harris (1964, 1976). Gross estabeleceu, juntamente com algumas exigências formais, uma vasta lista de transformações e uma lista de verbos para a aplicação das transformações.

O que circunda a gramática transformacional de Harris, como objeto central da sintaxe, são as relações entre as frases. Essa gramática tende a representar frases potenciais para os falantes de determinada língua, a fim de que os mesmos tenham a condição de julgá-las como aceitáveis ou não.

Para o julgamento da aceitabilidade, o pesquisador utiliza a seguinte nomenclatura:

Sequências duvidosas

Julgamento binário (Z.S.Harris, 1952)

ACEITÁVEL	<i>O João foi ajudado pelo Zé</i>
ACEITÁVEL COM RESTRIÇÕES.	? <i>Meu gato faleceu</i>
INACEITÁVEL/ ACEITÁVEL COM RESTRIÇÕES	?* <i>O João fechou a certidão</i>
INACEITÁVEL	* <i>O João abriu que é certeza</i>

Para simplificar, uma sequência pertencente à língua ou não.

SÍMBOLOS E CONVENÇÕES

INACEITÁVEL	Uso do asterisco (*)	* <i>Meu jovem bolo</i>
DUVIDOSO	Uso do ponto de interrogação (?)	? <i>O meu gato faleceu</i>
DUVIDOSO, MAIS PERTO DA INACEITABILIDADE	Uso do ponto de interrogação (?) e do asterisco (*)	?* <i>Minha bicicleta está jovem</i>

O método de descrição do Léxico-Gramática tem como diretriz a seguinte verdade: a sentença é a unidade linguística de significado. De acordo com SMARSARO (2004) essa opção teórica é resultado de dois fatores: primeiro, o estudo de uma palavra isolada priva o descritor da possibilidade de avaliar aceitabilidades, já que o julgamento de aceitabilidade se aplica a frases; segundo, numa frase elementar, o contexto tira muitas vezes a ambiguidade de palavra isolada. Com base nisso, a descrição e a aplicação de critérios são feitas a partir da noção de frase elementar constituída por sujeito, verbo e seus complementos como unidade mínima de sentido. As variações da estrutura

sintática básica são definidas pelas propriedades distribucionais e transformacionais: passivação, redução, pronominalização, coordenação etc. Isso significa que o método de descrição do Léxico-Gramática lida com procedimentos empíricos para encontrar regularidades da língua.

De acordo com Vale (2001), o método de descrição do léxico-gramática é uma descendente direta da teoria transformacional de Zellig S. Harris. Embora a palavra “transformacional” possa evocar, em geral, a Gramática Gerativa – que, em algumas de suas várias formulações, foi chamada de Gramática Gerativa Transformacional – a abordagem de Maurice Gross é bem diversa. Com efeito, a abordagem do léxico-gramática é, antes de mais nada, um procedimento empírico. Maurice Gross critica na Gramática Gerativa o seu caráter especulativo: os seguidores de Chomsky raramente fazem apelo a dados reais. Assim Maurice Gross crítica alguns princípios básicos da Gramática Gerativa, como construção de modelos:

[...] a gramática gerativa opõe a construção de modelos lógico-informático-matemáticos a uma abordagem descritiva, qualificada de procedimental. Vê-se assim serem construídos inúmeros modelos dotados de intenção de poderes preditivos e explicativos, mas em realidade construídos a partir de observações empíricas muito limitadas: são considerados como fatos lingüísticos apenas os fenômenos que permitem a confirmação ou o falseamento de um modelo existente. (...) Só se pode interpretar esse frenesi de construção de modelos como uma interpretação literal do célebre truísmo ‘a língua é um sistema onde tudo se encaixa’. Este ‘axioma’ parece legitimar o estudo de interações quaisquer entre fenômenos quaisquer, se é que fenômeno existe. A abordagem é tal que mesmo que os fatos sejam autênticos, eles são tomados ao acaso numa população de fenômenos cujo tamanho nunca foi estimulado (M. Gross, 1979 *apud* Vale, 2001)

Vale (2001) comenta a esse respeito que o argumento principal de Maurice Gross é o fato de que esses modelos da Gramática Gerativa dão conta apenas dos poucos exemplos que examina, sem levar em conta qual é sua real produtividade na língua. Assim, fatos que têm pouca produtividade são assimilados a outros cuja produtividade é grande e que o princípio segundo o qual a unidade de significado é a frase simples acarreta uma diferença

metodológica fundamental: ao invés do método hipotético-dedutivo preconizado pela Gramática Gerativa, o Léxico-Gramática assume claramente uma postura taxonômica. Ou seja, recorrendo às palavras de Maurice Gross (1976), o exame sistemático do léxico constitui um meio, certamente o único no momento atual, de apreender uma língua de maneira global, isto é, de construir uma imagem da língua que tenha uma característica de generalidade. Somente num quadro desse tipo é possível detectar os fenômenos massivos, opondo-os eventualmente aos exemplos marginais ou exceções.

Desse modo, segundo LAPORTE (2008), para explorar a interação entre o léxico e a sintaxe, as entradas lexicais devem ser combinadas metodicamente com todas as estruturas de frases observadas a fim de encontrar as regularidades da estrutura a ser pesquisada. No julgamento dos dados é preciso investigar se as construções resultantes são aceitáveis ou não e quais são suas particularidades distribucionais e semânticas. LAPORTE assegura que a qualidade dos resultados está sujeita à capacidade do linguista/pesquisador de julgar aceitável ou não uma dada sequência linguística. Para isso é importante que o linguista/pesquisador aplique o método estabelecido pelo Léxico-Gramática em sua própria língua materna, já que se parte do pressuposto que estamos tratando de um falante nativo apto a fazer o julgamento de aceitabilidade, levando-se em conta o uso na língua; mas também, é importante lembrar que é necessário o julgamento de outros falantes nativos, além do pesquisador, para avaliar a reprodutibilidade desse tipo de informação.

De acordo com Smarsaro (2004), o Léxico-Gramática

[...] tem como meta investigar os procedimentos lexicais e gramaticais que levam ao reconhecimento de padrões de palavras nos quais está baseado o processo de entendimento para representação das propriedades de sequências linguísticas computacionalmente.

Portanto, nesta dissertação, acolhemos a metodologia de descrição do Léxico-gramática, para descrever as construções com o verbo *Passar* + SN para identificação das estruturas que funcionam como verbo pleno, verbo suporte ou expressão fixa.

2.2 TEORIA DE VALÊNCIAS – A GRAMÁTICA DE VALÊNCIAS

A gramática de valências também designada por “gramática de dependências” é um modelo teórico de análise proposto por Tesnière (1959), na obra *Éléments de Syntaxique structurale* que introduziu o termo “valência” na teoria linguística. Utilizaremos, nesta dissertação, o conceito acolhido e aperfeiçoado por BORBA (1996), concordando com o fato de que

as primeiras idéias sobre valência se devem a Tesnière, que é quem parte do verbo como núcleo oracional, tomando-o como uma espécie de pólo imantado, capaz de atrair um número mais ou menos elevado de actantes, comportando um número variável de pontos de atração capazes de manter esses actantes sob a sua dependência (BORBA, 1996).

Essa gramática considera o verbo como o elemento central da frase e trata a relação entre esse centro e os demais elementos dependentes sob dois pontos de vista: um sintático e outro semântico.

As valências são o número de lugares vazios previstos e implicados pelo (significado) do lexema, o que corresponderia, na Gramática tradicional, ao sujeito e aos complementos, os quais circundam o sintagma verbal. O termo *valência* só deve ser usado para as estruturas relacionais das classes de **palavras lexicais** (*substantivo, adjetivo, verbo, e, eventualmente, o advérbio*). Excluem-se desse quadro **classes de palavras** tais como *artigo, preposição e conjunção*.

Valemo-nos, para fins de descrição, apenas de alguns conceitos que norteiam a gramática de valências, especialmente, como o caso dos papéis temáticos.

OS PAPÉIS TEMÁTICOS

Os papéis temáticos são noções relacionais que se apresentam como configurações estruturais, com estatuto comparável às noções de sujeito e objeto em muitas teorias gramaticais.

Considerando-se que os papéis temáticos são relações estruturais, pode-se verificar que as possibilidades de inferência estão diretamente ligadas à estrutura na qual os SNs que suportam as funções temáticas estão inseridas: as restrições de co-ocorrência em número e tipo seguem as restrições existentes nas funções conceituais necessárias à expressão do significado dos itens.

As relações temáticas são representadas por um sistema de casos ou gramática de casos (GC). É a relação sintático-semântica entre um Predicado (P) e um Afetado (A) que se dará o nome específico de caso. Um caso é, portanto: (i) o resultado de uma relação sintática que tem uma consequência semântica; (ii) uma categoria subjacente, isto é, uma propriedade gramatical universal e, como tal, não se confunde com funções superficiais como Sujeito, Objeto Direto, Objeto Indireto, etc.; (iii) um conjunto de traços que constituem um feixe de relações elementares.

O nome de cada caso é bem motivado quanto ao valor semântico que expressa. Ex.: *agetivo* = o que age; *experimentador* = o que experimenta; *beneficiário* = o que se beneficia de, etc. Porém, este valor semântico não está ligado a um item léxico em si, mas a uma relação que se estabelece na estrutura frasal. Por exemplo, um item como *miar* que seleciona um sujeito *agente* expresso por nome designativo de *felino*, significa *dar ou soltar miados*. Dessa forma, o traço *atividade* presente no verbo, núcleo de P, exige um argumento cujo traço é *agetivo* (cf. *O gato mia*) (> Ag+P+ativ).

O número de casos varia muito nas diferentes propostas de gramática de casos. O presente estudo, apoia-se nos casos selecionados por BORBA (1996):

Agentivo (Ag) – é o que por si mesmo desencadeia uma *atividade* (física ou não), sendo origem dela e seu controlador. Ex: *Joana canta*. / *Paulo beijou a namorada*.

Experimentador (Ex) – caso do evento psicológico genuíno, traduz uma experiência ou disposição mental. Ex.: *Isabela sente saudade de Kezia*. / *Lúcia ouve música*.

Beneficiário (B) – o beneficiário é um afetado que marca o destinatário da posse (simples posse, perda ou ganho) / benefício. Ex.: *No dia de Natal, Samuel ganhou um brinquedo*. / *João ajudou muito a Pedro*. / *O rapaz herdou a fazenda de seu avô*.

Objetivo (Ob) – caso semanticamente mais neutro, é a entidade em relação à qual se verifica uma situação, ou seja, é o afetado por aquilo que o verbo indica. Ex.: *Penha só canta sambas*. / *Natalia comprou os livros*.

Locativo (L) – o L marca o lugar onde o evento acontece: *Lucas está na escola*. Borba (1996) desdobra o valor espacial em *direcional* (Dr) (= movimento para): *Vou a Vitória*; e percurso (Pr) (= movimento através de): *Kátia passeia pelo calçadão da Praia da Costa*. / *Caio caminhava pela praia*. Acrescentamos a este caso a abordagem de IGNÁCIO (2002, p. 112),

para quem o **locativo** representa o lugar onde se realiza o evento ou o lugar de referência de um estado de coisas. Ex.: **Vitória** *sediará os Jogos Abertos Internos.* / **Meu escritório** *está cheio de tranqueiras.*

Instrumental (I) – o I exprime uma causa indireta tendo como traços básicos: a *atividade* e o fato de ser *controlado*. Ex.: Cortou o pão *com a faca.* / *A chave* abriu a porta.

Causativo (Ca) – é o que provoca um efeito ou desencadeia algo. Expressa uma atividade ligada a um estímulo. Ex.: *A chuva de granizo* quebrou o muro. / *O vendaval* derrubou as frutas.

Origem (O) – contém os traços *afetado* e *transição*, expressando o ponto de partida. Ex.: Bianca veio *da Espanha.*

Meta (M) – contém os traços *afetados* e *transição*, expressando o ponto de chegada. Ex.: Os santistas invadiram *o campo.*

Resultativo (R) – é um *efetuado*. Liga-se, principalmente, a verbos de existência, ou seja, a verbos cujo complemento expressa algo que passa a existir. Ex.: Dilza tricotou *uma blusa.* / Gláucia montou *uma padaria.*

Temporal (Tp) – indica *localização* no tempo. Ex.: O acidente ocorreu *na semana passada.* / *Faz três semanas* que ele não vê a namorada.

Comitativo (Co) – a principal característica do Co é a associação; é sempre *afetado*, mas pode ter traços como *atividade* e *causa*. Ex.: Aucione saiu *com Júlia.*

A identificação dos casos por seus traços constituintes às vezes se torna difícil, pois as diferenças são sutis visto que há traços semelhantes que se repetem em muitos deles. Se o caso resulta da relação entre um P e um A, é natural que o traço básico do núcleo predicativo afete o(s) A(s) a que se associa. Por isso, o traço *afetado* atinge um grande número de casos.

2.3 A TEORIA FUNCIONALISTA

Valer-nos-emos de alguns princípios da escola funcionalista para embasar e enquadrar nossa pesquisa na perspectiva do funcionamento da língua, do seu uso e relevância. Optamos por fazer uso dos estudos funcionalistas norte-americanos. O funcionalismo linguístico norte-americano, de acordo com Abreu (2006, p. 16), procura

“descrever os fatos da língua a partir da maneira como o usuário atribui sentido àquilo que escreve ou lê, nos diversos momentos em que exerce as funções comunicativa, emotiva e de socialização dentro da língua, nas mais diversas situações do seu cotidiano”.

Destacaremos as principais características funcionalistas que nortearão nosso trabalho. Maria Helena de Moura Neves (2004) faz a seguinte advertência a respeito do funcionalismo:

“Caracterizar o funcionalismo é uma tarefa difícil, já que os rótulos que se conferem aos estudos ditos “funcionalistas” mais representativos geralmente se ligam diretamente aos nomes dos estudiosos que os desenvolveram, não a características definidoras da corrente teórica em que eles se colocam. Prideaux (1994) afirma que provavelmente existem tantas versões do funcionalismo quanto lingüistas que se chamam funcionalistas, denominação que abrange desde os que simplesmente rejeitaram o formalismo até os que criam uma teoria. A verdade é que, dentro do que vem sendo denominado – ou autodenominado – “funcionalismo”, existem modelos muito diferentes”.

Martelotta e Areas (2003) afirmam que, ao contrário das acepções formalistas vigentes nas gramáticas normativas – caracterizadas pela tendência a analisar a língua como um objeto autônomo, cuja estrutura independe de seu uso em situações comunicativas –, o polo funcionalista caracteriza-se pela concepção da língua como um instrumento de comunicação, e, como tal, “não pode ser analisada como um objeto autônomo, mas como uma estrutura maleável, sujeita a pressões oriundas das diferentes situações comunicativas, que ajudam a determinar sua estrutura gramatical”.

Em contraste ao conceito estático dos fenômenos linguísticos, Martelotta e Areas (2003) enfatizam que em consequência das vicissitudes do discurso a sintaxe de uma língua é uma estrutura em constante mutação:

Ou seja, a sintaxe tem a forma que tem em razão das estratégias de organização da informação empregadas pelos falantes no momento da interação discursiva. Dessa maneira, para compreender o fenômeno sintático, seria preciso estudar a língua em uso, em seus contextos discursivos específicos, pois é nesse espaço que a gramática é constituída. (MARTELOTTA; AREAS, 2003).

Dessa forma, a noção de função surge da proposta de que as línguas não podem ser analisadas apenas em seus elementos internos, já que elas existem para promover a comunicação entre as pessoas.

Cunha, Costa e Cezário destacam que o funcionalismo linguístico distancia-se das abordagens formalistas, primeiro, pela concepção de linguagem como um instrumento de interação social; segundo, pelo interesse da investigação linguística em ultrapassar a estrutura gramatical e buscar, no contexto discursivo, a motivação para os fatos da língua.

A abordagem funcionalista procura explicar as regularidades observadas no uso interativo da língua analisando as condições discursivas em que se verifica esse uso. Os domínios da sintaxe, da semântica e da pragmática são relacionados e interdependentes. Ao lado da descrição sintática, cabe investigar as circunstâncias discursivas que envolvem as estruturas linguísticas e seus contextos específicos de uso. Segundo a hipótese funcionalista, a estrutura gramatical depende do uso que se faz da língua, ou seja, a estrutura é motivada pela situação comunicativa. Nesse sentido, a estrutura é uma variável dependente, pois os usos da língua, ao longo do tempo, é que dão forma ao sistema (FURTADO DA CUNHA; COSTA; CEZARIO, 2003).

Martelotta (2006) assegura que o funcionalismo norte-americano mantém a tradição de privilegiar o uso da língua. Para os representantes desta corrente, a situação real de comunicação determina a estrutura gramatical de modo tão sistemático que o linguista não pode abrir mão de observar o comportamento

comunicativo do usuário da língua, se quer compreender, de modo mais profundo, o funcionamento da linguagem.

Assim, os funcionalistas baseiam-se na utilização concreta da língua pelos falantes, admitindo que a gramática molda-se a partir de situações comunicativas reais, ou seja, a partir do discurso, onde a gramática seria, pois, o resultado da cristalização ou regularização de estratégias recorrentes, desenvolvidas no discurso.

A análise empreendida neste estudo vale-se da essência funcionalista ao reconhecer a língua como um objeto de interação e perceber a multifuncionalidade do verbo *passar* em meio a contextos de uso, onde este é fundamental para a determinação do sentido.

3. METODOLOGIA

O Léxico-Gramática (GROSS, 1975, 1981, 1994) designa ao mesmo tempo uma metodologia e uma prática efetiva de descrição manual sintático-semântica. Essa metodologia e essa prática desenvolveram-se simultaneamente a partir do final dos anos 1960, enriquecendo-se mutuamente.

O método de análise é o do Léxico-Gramática que considera indispensável o uso de noções sintáticas no estudo da não-composicionalidade e da maioria das questões semânticas. De acordo com Laporte (2000), a aplicabilidade de critérios formais facilita a observação e aumenta a fiabilidade do julgamento de aceitabilidade e inaceitabilidade das estruturas por falantes nativos ou linguistas.

Para tornar possível esta descrição, valer-nos-emos de frases, visto que, a interação entre o léxico e a sintaxe é assim considerada como uma chave imprescindível. A pesquisa exclusiva de regras de sintaxe geral, independentes do material lexical que utilizam, é denunciada como um impasse. Inversamente, a descrição do vocabulário de uma língua é vista como o estudo das maneiras como cada elemento lexical é inserido nas frases. Em outros termos, a unidade mínima tomada como contexto para a descrição de uma palavra é a frase elementar.

Dessa forma, O Léxico-Gramática coloca igualmente uma exigência de formalização. Os resultados da descrição devem ser suficientemente formais para permitir:

- Uma verificação pela confrontação com a realidade do uso;

- Uma aplicação ao tratamento automático das línguas.

Entretanto, como já afirmamos no ato da Introdução, não é nosso objetivo a descrição formalizada para fins computacionais. Contudo, entendemos que esse objetivo pode ser alcançado a partir dessa descrição.

Os resultados deverão também conter a noção de aceitabilidade. A aceitabilidade é modalizada por uma noção binária: para as necessidades da descrição, uma frase é considerada como aceitável ou não. O método de fazer estimativas de aceitabilidade é padrão. A aceitabilidade ou inaceitabilidade de uma sequência é constatada por julgamentos de falantes nativos, levando-se em conta o uso da língua. É importante ressaltar a distinção entre aceitabilidade e gramaticalidade, a primeira faz referência à aceitação de uso, mais pragmática, ao passo que a segunda contém uma relação estrutural a ordem componenciais de uma oração. Logo, é possível construir estruturas que são claramente inaceitáveis embora sejam gramaticais. A inaceitabilidade da sequência é marcada, graficamente, por meio de um asterisco no início da sequência; a ausência desse é sinal de que a frase é aceitável. No entanto, em alguns casos, mesmo com a avaliação de um número considerável de falantes, existir dúvidas quanto à aceitabilidade, a sequência deverá ser marcada inicialmente com um ponto de interrogação (?).

A utilização de testes formais é de suma importância para este método, empregamos vários testes como *a coordenação*, *a relativização*, *a apassivação* e, como principal, *a distribuição sintática*. Pode-se elencar que a distribuição sintática é o tópico mais importante na teoria do Léxico-gramática. Através da distribuição observa-se como cada elemento lexical se comporta nas frases. Para avaliar a fixidez de uma expressão, usando a teoria do Léxico-gramática, faz-se necessário observar as distribuições sintáticas dos componentes em uma dada sequência e, a partir daí, observar se essa distribuição conserva ou não o sentido da estrutura em estudo uma sequência ser considerada

expressão fixa quando os elementos constituintes não podem ser deduzidos a partir do significado individual de cada palavra.

Nesta pesquisa, portanto, a estrutura – *passar* + SN – será analisada sob os procedimentos metodológicos da teoria do léxico-gramática apresentada por Gross (1975). A metodologia do léxico-gramática foi elaborada numa perspectiva de tratamento automatizado da língua e se propõe estabelecer um inventário de informações linguísticas: explícitas, precisas e exaustivas. Nesta pesquisa propõe-se *a priori* a distinção das relações de sentido do verbo *passar*, classificando-o como verbo-suporte ou expressão fixa.

3.1 CORPUS

Para realização desta pesquisa, selecionou-se, inicialmente, um corpus de 90 estruturas que contêm o verbo *passar* +SN, colhidas de jornais, revistas, web, oralidade, propagandas... de quaisquer tipos de textos, gêneros e/ou suportes. Acredita-se que o gênero não influencie na mudança de sentido, mas sim o uso do verbo em meio a certos contextos.

Respaldados pela teoria que nos norteia, utilizam-se, também, exemplos construídos, uma vez que, como falantes nativos, podemos construir exemplos, pois temos uma competência linguística para julgá-los como aceitáveis ou não. Laporte (2009), em seu artigo *Léxicos e Gramáticas para processamento de linguagem: produtos industriais ou artesanais?*, reforça a aceitabilidade e veracidade de exemplos construídos ao citar exemplos da vida cotidiana, nos quais compara produtos industrializados e produtos artesanais.

Podemos traçar paralelos na vida cotidiana. Preparar um café expresso exige mais tempo e trabalho mais manual do que um café instantâneo, mas o sabor é mais completo. O mesmo pode ser dito de maionese caseira e maionese comercial. Na música, tocando violino exige mais habilidade e esforço que o piano eletrônico, mas os ouvintes acham o som do violino mais comovente. Em outras

palavras, é trivialmente sabido que a industrialização de um produto, embora geralmente seja um progresso, pode levar a uma perda da qualidade.

Laporte (2009) ainda ratifica ao dizer que a abordagem artesanal (a construção de exemplos) tira proveito das habilidades humanas para a produção de regras formais e de dados. Os exemplos são planejados de modo que cada parâmetro varia de forma independente; ressalta que como em qualquer ciência experimental, os projetos de manipular experiências com intuito de analisar separadamente os efeitos relacionados com os diferentes parâmetros podem ser fatores dos fenômenos que têm sido observados, visto que isso conduz à validação das respectivas hipóteses subjacentes a estas experiências, ou para imaginar outras hipóteses. Laporte finaliza dizendo que mesmo que um *corpus* seja usado como um estoque de exemplos, a descoberta e a formalização de regras vai muito além da observação de exemplos: envolve uma exploração muito mais ativa e metódica das possibilidades da língua. Assim, os exemplos construídos são atestados no uso, são falas e construções atestadas na oralidade e aceitas por outros falantes. Acreditamos numa metodologia que privilegia a função de interação social da linguagem, combinando estruturas que circulam na língua escrita e falada do Brasil.

4. O ESTUDO DE VERBO

O estudo de verbo nas obras analisadas diferencia no tratamento quanto ao grau de aprofundamento do assunto no enfoque dado a aspectos semânticos ou sintáticos que constituem essa categoria

De acordo com PERINI (2010) o verbo é considerado a chave para a sintaxe do português, visto que quando conhecido o verbo de uma oração, bem como seus complementos e significado, pode-se determinar grande parte da estrutura das orações em que ele é protagonista. Por exemplo, a partir das

informações levantadas na análise do verbo *participar*, pode-se prever no seu uso efetivo que haverá um sujeito agente ou com papel temático de Experienciador; bem como um complemento regido pela preposição *de*, com o papel de Objeto ou objeto estativo, como em:

João participou do jogo

No entanto, o verbo deve ser analisado, no mínimo, a partir de uma oração, visto que o mesmo pode ocorrer em situações distintas e, assim, aceitar complementos diferentes, alterando seu sentido. Cada verbo pode ocorrer em um conjunto delimitado de construções, e esse conjunto de construções é o que é chamado de valência do verbo.

4.1 VERBOS À LUZ DA GRAMÁTICA

A Gramática Tradicional (GT) conceitua o verbo como a palavra de forma variável que exprime o que se passa, isto é, um acontecimento representado no tempo (CUNHA & CINTRA 2008), alertando para o fato de que o verbo não tem, sintaticamente, uma função que lhe seja privativa, pois também o substantivo e o adjetivo podem ser núcleos do predicado. Individualiza-se, no entanto, pela função obrigatória de predicado, a única que desempenha na estrutura oracional. Apresentam as flexões de número, de pessoa, de tempo, de modo, de aspecto e voz; conjugações, regulares e irregulares, formas nominais; regência e concordância. As possibilidades semânticas e descritivas do uso verbal não são abordadas na tradição gramatical.

ROCHA LIMA (1992) utiliza o critério semântico para a definição de verbo, como se pode ver a seguir: “expressa um fato, um acontecimento: o que se passa com os seres”. Acrescenta que é “a parte da oração mais rica em variações de forma ou acidentes gramaticais”, deixa a desejar por não expor

exemplos para fundamentar essa explicação, o que deixa vago e confuso o leitor caso analise frases como: “comprei roupinhas para o bebê”, em que percebemos mais acidentes gramaticais no sintagma nominal, a flexão em diminutivo, com o acréscimo do sufixo “inho” e do morfema “s”, indicador de plural, do que no verbo “comprar”, contendo apenas desinência número pessoal “ei”. No decorrer da elucidação, o autor acrescenta que o papel dos acidentes gramaticais é fazer com que o verbo revele cinco ideias: modo, tempo, número, pessoa e voz.

PERINI (2004) nomeia o verbo como uma classe tradicional bem estabelecida, afirma que os verbos possuem um comportamento morfossintático muito homogêneo, pois se flexionam da mesma maneira e desempenham a mesma função sintática, no entanto chama a atenção para as definições do verbo feitas pelas gramáticas, cita CUNHA e CINTRA e o conceito apresentado por eles, que está exposto acima, acrescenta que deixam muito a desejar, definições vagas e que podem gerar dúvida. Afirma que o que nos permite identificar os verbos sem grande dificuldade são seus traços morfossintáticos. Conceitua verbo como a palavra que pertence a um lexema cujos membros se opõem quanto ao número, pessoa e tempo; pondera ainda que a noção corrente de verbo é formal e não semântica, pois se considera-se verbo como o conjunto das palavras que exprimem uma ação, poderíamos nomear: corrida, vingança, traição... como sintagmas verbais, visto que exprimem, de alguma forma, uma ação.

NEVES (2000), em sua Gramática de Usos, trata o verbo, em geral, como constituinte do predicado da oração. Ressalta que os predicados designam as propriedades ou relações que estão na base das predicções que se formam quando eles se constroem com os seus argumentos (os participantes da relação predicativa) e com os demais elementos do enunciado. Segundo Neves, a predicção constitui, pois, o resultado da aplicação de um certo número de termos (que designam entidades) a um predicado (que designa

propriedades ou relações). A construção de uma oração requer, portanto, antes de mais nada, um predicado, representado basicamente pela categoria verbo, ou, ainda, pela categoria adjetivo (construído com um verbo de ligação).

O predicado possui propriedades sintáticas e semânticas, como a forma lexical, a categoria, o número e a função semântica dos termos, além das restrições de seleção a estes impostas. Só não constituem predicados, os verbos que modalizam (poder, dever, precisar...), os que indicam aspecto e os que auxiliam a indicação de tempo e voz.

Para Câmara Junior (2007), os verbos constituem a classe de palavras que se opõem aos nomes pela natureza dos seus semantema que “indicam os processos, quer se trate de ações, de estado ou da passagem de um estado a outro”. O autor concebe a significação do verbo de forma essencialmente dinâmica, caracterizada por trazer em si uma ideia temporal que pode ser estabelecida através do aspecto ou do tempo

Podemos perceber que no que tange a Gramática, os conceitos são semelhantes. Os autores valem-se de considerações estruturais, deixando a desejar as tantas outras particularidades do sintagma verbal. Alguns gramáticos chegam a citar certas peculiaridades dos verbos, no entanto a não classificação destes em estruturas de verbo-suporte ou expressão fixa é uma lacuna que está a exigir pesquisas pertinentes.

4.2 O VERBO PLENO À LUZ DA GRAMÁTICA DE VALÊNCIAS

Segundo Borba (1996), os verbos plenos são aqueles que semanticamente têm significação lexical e sintaticamente ocupam o núcleo do predicado num sintagma verbal. Duarte (2003) define os verbos plenos a partir de um aspecto semântico, classificando-os como núcleos semânticos da oração. Nessa perspectiva, a autora afirma que

Constituem núcleos lexicais plenos, caracterizados por determinadas propriedades de seleção semântica (números de argumentos e respectivo papel temático) e sintática (categoria de cada argumento e relação gramatical que assume na oração (DUARTE, 2003).

Por exemplo:

Maria *passou* pela ponte.

O sentido de *passar*, no enunciado acima, é “atravessar”, “percorrer”, “transportar” (uma rua, uma ponte). Pode-se afirmar que é um verbo de valência 2, pois há um sujeito sintático exposto (Maria), agentivo e um complemento introduzido por preposição *pela* + ponte = locativo. O verbo é considerado pleno, tendo em vista que compõe o núcleo semântico da oração e também é o núcleo do predicado no sintagma verbal. Constituem núcleos lexicais plenos, segundo Duarte (2003) aqueles que se caracterizam por determinadas propriedades de seleção semântica (números de argumentos e correspondentes papéis temáticos) e sintática (categoria de cada argumento e relação gramatical que estabelece na oração).

Logo, não podemos considerar como pleno só quando o verbo atua com seu sentido prototípico, mas sim quando é utilizado como núcleo do predicado no

sintagma verbal, podendo ser classificado, tradicionalmente, como verbo transitivo, direto ou indireto, ou intransitivo. Os verbos auxiliares e de ligação não são contemplados nesta classificação por possuírem características singulares.

4.3 O VERBO-SUPORTE À LUZ DA TEORIA DO LÉXICO-GRAMÁTICA

O estudo de verbos-suporte, se comparado a outros estudos na área dos verbos, é muito recente. O aparecimento desse fenômeno se dá, como já mencionado, a partir do momento em que consideramos a língua como um fenômeno social, um instrumento de comunicação, cuja estrutura se adapta a pressões provenientes das diversas situações em que é utilizada.

Consideramos como verbos-suporte aqueles que não constituem sozinhos o núcleo do predicado, uma vez que o verbo-suporte vem seguido de um nome ou um sintagma nominal e passa a depender desse argumento que os acompanha para ter sentido completo (GROSS e VIVÈS, 1986; GIRY-SCHNEIDER, 1986 *apud* NEVES, 2002; 2006). O verbo, então, dá suporte às categorias gramaticais de tempo, de modo, de número e de pessoa e o sintagma nominal que ocupa o lugar do objeto direto vai de não-referencial, nos casos mais prototípicos, até atingir graus de referencialidade.

De acordo com Neves (2002), uma definição corrente para os verbos-suporte os encara como verbos semanticamente vazios que permitem construir um SN com V-n em relação de paráfrase com um SV, exemplo: *Lúcia passou perfume* > *Lúcia perfumou-se*. Obviamente essa indicação, ligada à composição do léxico da língua, não pode ser tomada como definitiva para a categoria, mesmo porque não podemos deixar de relevar que existem construções desse tipo que

não possuem correlatos semânticos constituídos por verbos simples. É o que ocorre com as construções nos trechos a seguir:

- (1) João *passou cola* para o seu amigo durante a prova.
- (2) Preciso *passar minhas roupas*, estão muito amassadas.
- (3) Antes de sair, sempre *passo batom*...
- (4) João *passou manteiga* no pão.
- (5) Preciso *passar no mercado* antes de ir para casa.

E não seriam aceitáveis:

- (1) *João *colou* para o seu amigo durante a prova.

A preposição *para* não rege o verbo colar, quando esse contém o sentido de “copiar clandestinamente em exames, avaliações, provas...” para esses casos, as preposições **de** e **em** são mais adequadas: João colou **de** Tiago durante a prova; João colou **na** prova de Geografia. No entanto, mesmo se utilizássemos uma das duas preposições citadas, não teríamos o mesmo valor presente no enunciado base, visto que *João*, no exemplo 1, é o agente do enunciado, aquele que transmite a cola, e não o receptor/beneficiário, aquele que recebe a cola, no caso, o amigo.

- (2) *Preciso *roupar*, estão muito amassadas.
- (3) *Antes de sair, sempre *batonizo*...
- (4) *João *manteigou* o pão.
- (5) *Preciso *mercadear* antes de ir para casa.

O verbos *roupar*, *batonizar*, *manteigar* e *mercadear* não fazem parte do léxico da língua portuguesa, mesmo sendo estruturas potenciais, já que há a possibilidade de formação de verbos com acréscimo do sufixo –ar ou –izar a bases nominais (substantivos ou adjetivos), a fonética não colabora com a aceitação de tais itens lexicais no vocabulário da língua portuguesa.

Por outro lado, outras construções em que aparece um verbo seguido de um nome nem sempre podem ser consideradas construções com verbo-suporte, mas podem constituir expressões fixas, ou seja, expressões não analisáveis em um verbo-suporte +sintagma nominal.

(6) O último prefeito não aguentou a pressão é *passou a bola* para o vice.

O termo "expressão fixa" denota que o significado do todo não pode ser calculado a partir do significado das partes que a compõem.

A definição clássica de expressão fixa consiste no fato de que o seu significado global não pode ser calculado a partir do significado de seus componentes (GROSS, 1982). Especificamente “pode ser até que o significado da expressão não recupere em nada o significado original dos termos que a compõem” (SCHER, 2004).

Neves (2002) ressalta que é importante também, atentar para o fato de que as estruturas com verbo-suporte, de um lado, e as construções com os verbos plenos correspondentes, de outro, verifica-se que o contraste entre esses enunciados, em relação à estrutura frasal, não implica diferenciação sintática no restante da oração.

(7) Silvan *passou vistoria* (= vistoriar) em Mário durante a visita.

(8) Lúcia *passou uma doença* (= contaminar) para a filha.

No entanto, o modo de apresentação do complemento, é sintaticamente diferente, nos dois tipos de enunciados, nos casos em que o verbo simples é

transitivo direto, já que, na construção com verbo-suporte, o complemento se comporta sintaticamente como complemento de nome, isto é, ele é regido por preposição:

(7) Silvan *passou vistoria* **em** Mário durante a visita.

(8) Lúcia *passou uma doença* **para** a filha.

De acordo com Neves (2000), em sua **Gramática de Usos do Português**, as construções com verbo-suporte compõem-se de:

I – um verbo com determinada natureza semântica básica que funciona como instrumento morfológico e sintático na construção do predicado;

II – um sintagma nominal que entra em composição com o verbo para configurar o sentido do todo, bem como para determinar os papéis temáticos da predicação.

Para Neves, essa caracterização dá margem a um conjunto variado de construções, mais próximas ou mais distantes das construções propostas como prototípicas. A indicação básica é, prototipicamente, que os verbos-suporte têm como complemento um sintagma nominal não-referencial, de modo que o complemento típico de verbos-suporte traz um substantivo sem determinante como evidenciam os exemplos¹ a seguir:

- *A par de que este Azeredão desejava FAZER VISTORIA de casamento em sua pessoa, Bebé de Melo, livre dos restos da caxumba, tratou de ganhar estrada. (CL)*
- *A alquimia DEU ORIGEM à arte real. (ALQ)*

¹ Os exemplos foram retirados da Gramática de Usos do Português (NEVES, 2000) com o intuito de demonstrar outros exemplos de verbos-suporte além do PASSAR.

- *O patrão mais a patroa TOMAM BANHO de banheira. (US)*
- *Já FIZ USO da música em algumas peças. (REI)*

Neves (2000) afirma ainda que os mesmos verbos de significação genérica típica das construções com verbo-suporte funcionam como verbos plenos (isto é, de alta carga de significação) se têm como complemento um sintagma nominal referencial:

- Sem temer represália das facções feministas mais exaltadas, Juca de Oliveira **faz uma declaração**, no mínimo, muito polêmica: “Quando há amor, há posse”. (AMI) (=declara)
- A molecada **dava o grito** de alerta: “Lá vem seu Geraldo!”. (CR) (=gritava)

Dessa forma, podemos sintetizar por *verbo-suporte* aquele que sofre um processo de esvaziamento lexical, sendo que o núcleo de significado do predicado (complexo) está na expressão nominal, situada à direita do verbo.

5. APLICAÇÃO DE TESTES FORMAIS

Os resultados da descrição devem ser formais o suficiente para que possam ser aceitos de acordo com a realidade dos contextos de uso. Para alcançar tal propósito, o lingüista lança mão de testes formais que analisam as propriedades sintático-semânticas dos elementos que formam as estruturas a serem analisadas. Por exemplo, a aceitabilidade é representada por uma propriedade binária: para as necessidades da descrição, uma frase é considerada quer como aceitável, quer como inaceitável, de acordo com as ocorrências atestadas no uso.

Além disso, a ambiguidade lexical é representada através de uma cuidadosa separação de uma palavra em um número inteiro de itens lexicais, que são distintos uns dos outros como dois itens relativos a palavras morfologicamente diferentes: por exemplo, os diferentes sentidos de *passar* em *passar a ponte*, *passar o olho...* correspondem a itens distintos. As propriedades sintático-semânticas dos itens formam uma lista que é metodicamente testada com todos os itens.

Enfim, são levadas em consideração unicamente as propriedades para as quais é possível encontrar um procedimento que permita determinar de uma forma suficientemente confiável se um determinado item a possui ou não. Tal procedimento é determinado experimentalmente, testando com um vocabulário extenso a reprodutibilidade dos julgamentos. Uma propriedade, portanto, não é representada como um *continuum*, e sim como binária. Com a adoção deste modelo, uma etapa essencial da descrição de uma língua com o método do léxico-gramática consiste em observar e registrar as propriedades dos itens lexicais. A descrição da estrutura das frases necessita da identificação de um conjunto de argumentos característico de cada item predicativo;

especificamente, põem-se em aplicação princípios para distinguir os argumentos (sujeito e objetos ou complementos essenciais) dos complementos não-essenciais (adjuntos adverbiais ou complementos circunstanciais).

Logo, os testes aplicados aqui buscam identificar as propriedades sintático-semânticas das estruturas por meio da distribuição dos itens lexicais e transformações de natureza sintática; serão avaliadas por um conjunto de critérios formais, analisando as propriedades dos elementos que as formam. Deste modo, segundo Smarsaro (2004), a aplicação dos critérios será feita levando-se em conta as distribuições sintáticas dos componentes de cada sequência e a interpretação linguística também para identificar um caso de verbo-suporte ou não. As propriedades distribucionais dizem respeito à natureza dos componentes que preenchem as casas livres em torno do verbo *passar*. As propriedades transformacionais são aquelas que dizem respeito à possibilidade de transformação, ou seja, à possibilidade de apagamento do verbo, de apassivação, de pronominalização entre outros testes que se mostrarem necessários.

5.1 TRANSFORMAÇÕES DE FRASE ATIVA PARA FRASE RELATIVA E A REDUÇÃO DO VERBO-SUPORTE

Para a comprovação do *status* de suporte, utilizaremos, como um dos testes formais, o critério da relativização, um dos critérios respaldados pelos princípios da Teoria do Léxico-gramática, que consiste em:

- Transformar a frase em um período composto por subordinação com a presença do pronome relativo (oração subordinada adjetiva);
- Efetuar o apagamento do verbo candidato a verbo-suporte (*passar*) para assim avaliá-la como aceitável ou não.

Para melhor visualização das classificações, as estruturas estão divididas em três blocos. O primeiro é composto das estruturas *passar* +SN como exemplos de *verbo pleno*; o segundo é composto das estruturas *passar* +SN como exemplos de *verbo-suporte* e o terceiro é composto das estruturas *passar* +SN como exemplos de *expressão fixa*.

1º Bloco – Exemplos com Verbo Pleno

- 1) Maria *passa roupa* branca todos os dias.
 [Rel] = A *roupa* que Maria *passa* é branca.
 [RedVsup] = *A *roupa* de Maria é branca.

Podemos afirmar que a estrutura *passar roupa* é composta de verbo pleno + SN por não conseguirmos formular um enunciado aceitável, referente ao sentido da primeira frase, visto que o enunciado é gramatical e aceitável a outros contextos, e por termos, como resultado do apagamento do verbo *passar*, uma estrutura ambígua, em que não se percebe a ideia de *passar* como alisar, desamarrotar, apreende-se, somente, o sentido de posse expresso pela preposição *de*. Trata-se, portanto, de verbo pleno.

2) Maria *passou um vexame*.

[Rel] = O *Vexame* que Maria *passou* foi constrangedor.

[RedVsup] = ?* O *vexame* de Maria foi constrangedor.

Nesse exemplo, percebe-se uma ambiguidade em que são possíveis as seguintes interpretações: seria o *vexame* que ela, Maria, cometeu/deu no caso o sintagma *Maria* seria agente, aquele que pratica a ação expressa pelo verbo; ou seria o *vexame* que ela, Maria, sofreu, fora vítima, deste modo seria experimentador, aquele que experimenta um processo físico ou psíquico; o depositário de um sentimento ou experimentador de uma sensação. Trata-se, portanto, de verbo pleno.

3) Maria *passou o pente fino* no cabelo.

[Rel] = O *pente fino* que Maria *passou* no cabelo é verde.

[RedVsup] = *O *pente fino* de Maria é verde.

4) Maria *passou o rodo* na cozinha.

[Rel] = O *rodo* que Maria *passou* na cozinha é de borracha.

[RedVsup] = *O *rodo* de Maria é de borracha.

5) Maria *passou a resposta* correta para João.

[Rel] = A *resposta* que Maria *passou* para João é correta.

[RedVsup] = *A *resposta* de Maria para João é correta.

Assim como no exemplo 1, os enunciado resultantes dos exemplos 3, 4 e 5 apresentam o sentido de posse expresso pela preposição *de*, que pode ser trocado pela contração, com valor possessivo, *dela* – o *pente fino dela*; o *rodo dela*; a *resposta dela* – sem nenhuma perda de sentido, tornando a construção inaceitável de acordo com o sentido do enunciado primeiro. Trata-se, portanto, de verbo pleno.

6) João *passou batido* pela sala

[Rel] = *A *batida* que João *passou* pela sala foi muito rápida.

[RedVsup] = *A *batida* de João pela sala foi muita rápida.

Os dois enunciados resultantes, tanto a relativa quanto o pagamento do verbo são inaceitáveis por considerarmos *batido* um caso de **adverbialização** do adjetivo, onde, neste caso, a forma de particípio é reconhecida como adjetivo e possui função de advérbio. *Batido* relaciona-se com o verbo *passar* e não com o substantivo *João*, logo indica o modo como foi desenvolvida a ação. Trata-se, portanto, de verbo pleno.

7) O biscoito *passou do ponto*.

[Rel] = *O *ponto* que *passou* do biscoito o fez queimar.

[RedVsup] = O *ponto* do biscoito o fez queimar.

8) A aula *passou da hora* de acabar.

[Rel] = *A *hora* que a aula tinha que acabar *passou*.

[RedVsup] = A *hora* que a aula acabou.

9) A massa *passou do tempo* de crescimento

[Rel] = O *tempo* que a massa *passou* de crescer a fez solar.

[RedVsup] = O *tempo* da massa de crescer a fez solar.

Com a ausência do verbo, nos exemplos 7, 8 e 9, temos enunciados contraditórios, visto que *o ponto* do biscoito, exemplo 7, seria o momento ideal do processo de preparo em que se deve desligar o fogo; *a aula*, exemplo 8, possui *uma hora*, um tempo pré-determinado para finalização; a *massa*, exemplo 9, possui um tempo específico para crescimento. A estrutura *passar + de + SN* segue certa regularidade referente ao seu sentido. A maior parte dos casos denota o sentido de: extrapolar, transpor, superar, exceder, ir além de, ultrapassar. Logo, pode-se afirmar a plenitude do verbo quando necessária a sua presença para entendimento da frase. Trata-se, portanto, de verbo pleno.

10) João *passou a mão* em Maria.

[Rel] = A *mão* que João *passou* em Maria foi pesada.

[RedVsup] = *A *mão* de João em Maria foi pesada.

Não se consegue perceber o sentido expresso pelo verbo, com a ausência dele. O ouvinte/leitor não identifica o sentido de *passar* como encostar, roçar. Trata-se, portanto, de verbo pleno.

11) Maria *passou* uma doença à filha.

[Rel] = A *doença* que Maria *passou* à filha é contagiosa.

[RedVsup] = *A *doença* de Maria à filha é contagiosa.

Não se consegue perceber o sentido expresso pelo verbo, com a ausência dele. O ouvinte/leitor não identifica o sentido de *passar* como transmitir. Trata-se, portanto, de verbo pleno.

12) A professora *passou a mão na cabeça* do aluno.

[Rel] = A *mão* que a professora *passou na cabeça* do aluno o deixou mal acostumado.

[RedVsup] = *A *mão* da professora *na cabeça* do aluno o deixou mal acostumado.

Neste caso, percebe-se uma ambiguidade em que são possíveis as seguintes interpretações: verbo pleno, se considerarmos o sentido de encostar, acariciar; expressão fixa, se interpretarmos *passar a mão na cabeça* com o sentido de *mimar*. Trata-se, portanto, de verbo pleno.

13) Maria *passou a faca* no pão.

[Rel] = A *faca* que Maria *passou* no pão o cortou pela metade.

[RedVsup] = *A *faca* de Maria no pão o cortou pela metade.

Não é possível perceber o sentido expresso pelo verbo, com a ausência dele. O ouvinte/leitor não identifica o sentido de *passar* como cortar.

15) João *passou o livro* à Maria.

[Rel] = O *livro* que João *passou* à Maria está desatualizado.

[RedVsup] = *O *livro* de João à Maria está desatualizado.

Não é possível perceber o sentido expresso pelo verbo, com a ausência dele. O ouvinte/leitor não identifica o sentido de *passar* como dar ou entregar. O sentido que prevalece é o de posse: o livro *pertence* ao João. Trata-se, portanto, de verbo pleno.

16) Maria *passou o dinheiro* para João

[Rel] = O *dinheiro* que Maria *passou* para João o ajudou.

[RedVsup] = *O *dinheiro* de Maria para João o ajudou.

Neste caso, a estrutura seria aceitável se estivéssemos levando em conta o verbo *Dar*. O enunciado resultante leva a crer que Maria *deu* ou *emprestou dinheiro* a João, no entanto, o primeiro enunciado expõe somente o ato de *passar* como *entregar* algo a alguém. Trata-se, portanto, de verbo pleno.

Para os exemplos a seguir, do exemplo 17 ao 29, o critério não se aplica; tendo em vista que todos os casos abaixo denotam o sentido prototípico de *passar*, que, em sua prototipia, requer um locativo, visto que seu sentido primeiro é o de *atravessar, transpor, transitar*.

17) Maria *passou na frente* da multidão.

18) Maria *passou no mercado* antes de ir para casa.

19) Maria *passou na (pela) ponte* para chegar a Vitória.

20) Maria *passou por cima* do buraco.

21) Maria *passou por Paris* em uma de suas viagens.

22) Maria *passou pela cidade* de Vitória.

23) Maria *passou no cinema* para ver o filme em cartaz.

24) Maria *passou em casa* antes de ir ao trabalho.

25) Maria *passou por mim* hoje cedo.

Os exemplos 18, 22, 23 e 24 pressupõem, com o uso do verbo *passar*, uma não obrigatoriedade e um período de tempo curto, certa transitoriedade, em relação às construções com o verbo *ir*, que denotam obrigatoriedade de permanência por um período de tempo maior, por exemplo:

18) Maria *foi ao mercado* antes de ir para casa.

22) Maria *foi à cidade* de Vitória.

23) Maria *foi ao cinema* para ver o filme em cartaz.

24) Maria *foi em casa* antes de ir ao trabalho.

O falante faz a escolha do verbo *passar* para ratificar essa não obrigatoriedade, tanto que, quando nominalizado, juntamente com o verbo-suporte *DAR*, é aceitável a flexão de grau para corroborar o período curto de tempo gasto para praticar as ações:

18) Maria *deu uma passadinha no mercado* antes de ir para casa.

22) Maria *deu uma passadinha na cidade* de Vitória.

23) Maria *deu uma passadinha no cinema* para ver o filme em cartaz.

24) Maria *deu uma passadinha em casa* antes de ir ao trabalho.

Os seguintes exemplos apresentam o verbo *passar* com o sentido de ser aprovado em exame, logo há a necessidade de sua presença no enunciado:

25) Maria *passou com louvor* no exame de direção.

26) Maria *passou no vestibular*.

27) Maria *passou no concurso*.

Importante ressaltar que, no caso de o verbo *passar* apresentar-se como verbo intransitivo, com sujeito humano, o primeiro sentido a ser ponderado é o de aprovação.

25) Maria *passou*; questiona-se: em que? No exame de direção, com louvor – modo da ação expressa pelo verbo.

26) Maria *passou*; questiona-se: em que? No vestibular

27) Maria *passou*; questiona-se: em que? No concurso.

Ao contrário, quando o sujeito deixa de ser humano e passa a ser paciente expresso por nome abstrato, o sentido de *passar* altera-se para *cessar*, *acabar*, *findar*, *terminar*, *finalizar*.

- A dor *passou/ passa/ passará*
- O amor *passou/ passa/ passará*
- A saudade *passou/ passa/ passará*
- A raiva *passou/ passa/ passará*
- *Passou* a vontade de Maria de comer doce / A vontade de comer doce de Maria *passou*.

28) Maria *passou o sal* para João.

29) Maria *passou o dedo* no bolo.

Os exemplos 28 e 29 ratificam o sentido de movimento expresso pelo verbo; deslocamento de um lugar para o outro, exemplo 28; e movimento de um lado a outro, de um ponto a outro, exemplo 29.

30) Maria *passou a senha* para João

[Rel] = A *senha* que Maria *passou* para João era difícil.

[RedVsup] = *A *senha* de Maria para João é difícil.

Não é possível perceber o sentido expresso pelo verbo, com a ausência dele. O ouvinte/leitor não identifica o sentido de *passar* como dar ou entregar. O sentido que prevalece é o de posse: *a senha pertence* à Maria. Trata-se, portanto, de verbo pleno.

- 31) Maria *passou a linha* pelo buraco da agulha
 [Rel] = *A linha* que Maria *passou* pelo buraco da agulha era grossa.
 [RedVsup] = **A Linha* de Maria pelo buraco da agulha era grossa.

Não é possível perceber o sentido expresso pelo verbo, com a ausência dele. O ouvinte/leitor não identifica o sentido de *passar* como atravessar. Prevalece o sentido de posse: *a linha pertence* à Maria. Trata-se, portanto, de verbo pleno.

- 32) Maria *passou por um interrogatório* na última segunda-feira
 [Rel] = *O interrogatório* pelo qual Maria *passou* foi cansativo
 [RedVsup] = **O interrogatório* de Maria foi cansativo.

Nesse exemplo, percebe-se uma ambiguidade em que são possíveis as seguintes interpretações: seria *o interrogatório* que ela, Maria, fez com alguém no caso o sintagma *Maria* seria agente (Maria interrogou); ou seria *o interrogatório* que ela, Maria, sofreu, fora vítima (Maria foi interrogada), deste modo seria paciente. Trata-se, portanto, de verbo pleno.

- 33) João *passou o texto* com Maria antes da cena.
 [Rel] = *O texto* que João *passou* com Maria antes da cena era complexo.
 [RedVsup] = **O texto* de João com Maria antes da cena era complexo.

No exemplo acima, só é possível reconhecer o sentido de posse e não o de revisar, decorar *o texto*. Trata-se, portanto, de verbo pleno.

- 34) Nós *passaremos o filme* inédito.
 [Rel] = *O filme* que *passaremos* é inédito.
 [RedVsup] = **O filme* é inédito.

Não é possível, com o apagamento do verbo, reconhecer o sentido de *transmitir* expresso pelo verbo *passar*, afirmando a plenitude verbal. Trata-se, portanto, de verbo pleno.

35) O presidente *passou a palavra* ao vice.

[Rel] = *A palavra* que o presidente *passou* ao vice gerou polêmica.

[RedVsup] = **A palavra* do presidente ao vice gerou polêmica.

36) Maria *passou a música* do novo CD.

[Rel] = *A música* do novo CD que Maria *passou* a fez chorar.

[RedVsup] = **A música* do novo CD fez Maria chorar.

As construções resultantes, dos dois últimos exemplos, não conseguem expressar o sentido dos primeiros enunciados. No exemplo 35, o presidente concede o direito de fala ao vice, no entanto, o enunciado em que houve o apagamento do verbo, o marcado com o asterisco, não contempla esse sentido, pelo contrário, expressa o sentido de posse; ao passo que, no exemplo 36, o verbo *passar* possui o sentido de *executar* ou, até mesmo, de *trocar*, *mudar*, de música contida no CD, o que não é possível entender no enunciado em que houve o apagamento do verbo. Neste caso, a interpretação é de que a música pertence à Maria. Trata-se, portanto, de verbo pleno.

2º Bloco – Exemplos de Verbo-Suporte

1) Maria *passou batom*.

[Rel] = *O batom* que Maria *passou* é vermelho.

[RedVsup] = *O batom* de Maria é vermelho.

2) Maria *passou um perfume* muito doce.

[Rel] = *O perfume* que Maria *passou* é muito doce.

[RedVsup] = *O perfume* de Maria é muito doce.

3) Maria *passou creme* no cabelo.

[Rel] = O *creme* que Maria *passou* no cabelo era de queratina.

[RedVsup] = O *creme* de Maria no cabelo era de queratina.

Os exemplos 1, 2 e 3 são exemplos de verbo-suporte por conseguirmos, mesmo com o apagamento do verbo no enunciado resultante, entender o sentido primeiro da frase. No exemplo 1: O *batom* de Maria é vermelho, pressupõe-se que ela *passou*, contornou os lábios com o batom para que o falante consiga avaliar se é vermelho ou não; é fato que podemos considerar a questão de possessividade – Maria possui um batom vermelho – , no entanto, de forma pragmática, a recorrência maior de uso como suporte é real. Assim como nos exemplos 2 e 3.

Estas considerações levam-nos a crer que quando a casa argumental posposta ao verbo for ocupada por qualquer nome referente a cosmético, de uso, principalmente, na face, poderemos omitir o verbo e confirmaremos que em uma construção com verbo suporte, as propriedades dependem do substantivo predicativo. Veja:

- O *lápiz* nos olhos de Maria é preto
- A *sombra* nos olhos de Maria é azul.
- O *blush* nas bochechas de Maria é rosa

Tratam-se, portanto, os exemplos 1, 2 e 3 de casos verbo-suporte.

4) Maria *passou vergonha* na escola.

[Rel] = A *vergonha* que Maria *passou* na escola foi constrangedora.

[RedVsup] = A *vergonha* de Maria foi constrangedora.

5) As crianças *passam fome* na África.

[Rel] = A *fome* que as crianças *passam* na África é grande.

[RedVsup] = A *fome* das crianças na África é grande.

6) Os meninos *passam frio* na rua.

[Rel] = *O frio* que os meninos *passam* na rua é intenso.

[RedVsup] = *O frio* dos meninos na rua é intenso.

7) Maria *passou medo* à noite quando ficou sozinha.

[Rel] = *O medo* que Maria *passou* à noite quando ficou sozinha a fez chorar.

[RedVsup] = *O medo* de Maria à noite quando ficou sozinha a fez chorar.

8) Maria *passou por necessidade* no inverno.

[Rel] = *A necessidade* que Maria *passou* no inverno a trouxe prejuízos à saúde.

[RedVsup] = *A necessidade* de Maria no inverno a trouxe prejuízos à saúde.

9) João *passou raiva* no consultório médico.

[Rel] = *A raiva* que João *passou* no consultório médico foi estressante.

[RedVsup] = *A raiva* de João no consultório médico foi estressante.

10) João *passa confiança* a seus amigos.

[Rel] = *A confiança* que João *passa* a seus amigos é confortante.

[RedVsup] = *A confiança* de João a seus amigos é confortante.

11) Maria *passou mal* ontem.

[Rel] = *O mal* que Maria *passou* ontem foi grave.

[RedVsup] = *O mal* de Maria foi grave.

12) Maria *passou aperto* no fim do mês.

[Rel] = *O aperto* que Maria *passou* no fim do mês a deixou endividada.

[RedVsup] = *O aperto* de Maria no fim do mês a deixou endividada.

13) Maria *passou alegrias* com seu filho.

[Rel] = *As alegrias* que Maria *passou* com o filho foram inesquecíveis.

[RedVsup] = *As alegrias* de Maria com o filho foram inesquecíveis.

14) *Passamos uma tarde* maravilhosa.

[Rel] = *A tarde* que *passamos* foi maravilhosa.

[RedVsup] = *A tarde* foi maravilhosa. (*verbo-suporte*)

15) Maria *passou a lua-de-mel* em Vitória.

[Rel] = *A lua-de-mel* que Maria *passou* em Vitória foi inesquecível.

[RedVsup] = *A lua-de-mel* de Maria em Vitória foi inesquecível.

16) Maria *passou por maus momentos* na viagem.

[Rel] = *Os maus momentos* que Maria *passou* na viagem a fez refletir.

[RedVsup] = *Os maus momentos* de Maria na viagem a fez refletir.

17) Maria *passou bons momentos* na viagem.

[Rel] = *Os bons momentos* que Maria *passou* na viagem a fez sorrir

[RedVsup] = *Os bons momentos* de Maria na viagem a fez sorrir.

18) João *passou o dia* trabalhando

[Rel] = *O dia* que João *passou* trabalhando foi longo.

[RedVsup] = *O dia* de João trabalhando foi longo.

19) João *passou a noite* acordado para estudar.

[Rel] = *A noite* que João *passou* acordado para estudar valeu a pena.

[RedVsup] = *A noite* de João acordado para estudar valeu a pena.

Os exemplos de 4 a 17 seguem certa regularidade e são considerados casos de verbo-suporte. O substantivo predicador, núcleo da estrutura *passar + SN*, é expresso por um substantivo abstrato de valor disfórico – exemplos 4, 5, 6, 7, 8, 9, 11 e 12 –, precedido ou não da preposição *por*, fazendo com que as estruturas tenham o sentido de *sofrer, suportar, padecer*, pode ocorrer também com complemento expresso por nome abstrato de valor eufórico – exemplos 10 e 13 –, precedido ou não da preposição *por*, passando a ter o sentido de *gozar, desfrutar*, pode também ocorrer de a casa argumental posposta ao verbo ser ocupada por nome designativo de tempo – exemplos 14, 15, 16, 17, 18 e 19 –, significando *decorrer, transcorrer* ou até mesmo *desfrutar, gozar*. Com a supressão do verbo, o nome passa a exercer seu papel de predicador, ratificando o esvaziamento do sentido do verbo e fazendo com que este tenha a natureza semântica básica de funcionar como instrumento morfológico e sintático na construção do predicado. Tratam-se, portanto, de verbos-suporte.

20) Maria *passou o pano* na cozinha.

[Rel] = *O pano* que Maria *passou* na cozinha a deixou limpa.

[RedVsup] = *O pano* de Maria na cozinha a deixou limpa.

21) Maria *passou a vassoura* na cozinha.

[Rel] = A *vassoura* que Maria *passou* na cozinha a deixou limpa.

[RedVsup] = A *vassoura* de Maria na cozinha a deixou limpa.

Os exemplos 20 e 21 são constituídos de verbo *passar* + SN, onde o SN, núcleo da estrutura, é expresso por um substantivo concreto que designa objeto de limpeza. Assim como nos exemplos anteriores, ao suprimirmos o verbo, o nome passa a exercer seu papel de predicador, ratificando o esvaziamento do sentido do verbo e fazendo com que este tenha a natureza semântica básica de funcionar como instrumento morfológico e sintático na construção do predicado; se fizermos uma permutação dos elementos por outros designativos de objeto de limpeza, teremos construções aceitáveis mesmo com o apagamento do verbo *passar*.

- O aspirador na sala tirou toda a poeira.
- A cera no chão deixou-o brilhando
- Um detergente nos pratos seria ótimo, sairia toda a gordura.

Tratam-se, portanto, os exemplos 20 e 21, de verbos-suporte.

22) João *passou cola* para Maria na prova de português.

[Rel] = A *cola* que João *passou* para Maria na prova de português a fez tirar uma nota boa.

[RedVsup] = A *cola* de João para Maria na prova de português a fez tirar uma nota boa.

Não há a necessidade da presença do verbo para sabermos que a cola fora transmitida/dada por João à Maria. O substantivo, núcleo da estrutura, é capaz de desempenhar esta função sem auxílio do verbo *passar*. Trata-se, portanto, de verbo-suporte.

23) Maria *passou email* para João.

[Rel] = O *email* que Maria *passou* para João é lindo.

[RedVsup] = O *email* de Maria para João é lindo.

24) Maria *passou mensagem* para João (via celular).

[Rel] = A *mensagem* que Maria *passou* para João (via celular) é linda.

[RedVsup] = A *mensagem* de Maria para João (via celular) é linda.

25) Maria *passou fax* para João.

[Rel] = O *fax* que Maria *passou* para João é lindo.

[RedVsup] = O *fax* de Maria para João é lindo.

Os exemplos 23, 24 e 25 possuem regularidade semântica quanto à escolha do substantivo que completa a estrutura *passar* + SN, visto que são expressos por nome designativo de mensagem, passam a ter o sentido de *expedir, enviar*. Tratam-se, portanto, de verbos-suporte.

26) João *passou o carro* para a concessionária.

[Rel] = O *carro* que João *passou* para a concessionária estava em bom estado.

[RedVsup] = O *carro* de João para a concessionária estava em bom estado.

Com complemento expresso por nome designativo de mercadoria, notícia ou dinheiro, o verbo significa *fazer circular, pôr em circulação, vender, trocar*. Mesmo com o apagamento do verbo *passar*, consegue-se manter o sentido da primeira frase, o de vender ou fazer circular. Trata-se, portanto, de verbo-suporte.

27) O pai *passou um sermão* no filho.

[Rel] = O *sermão* que o pai *passou* no filho o fez refletir.

[RedVsup] = O *sermão* do pai no filho o fez refletir.

28) A diretora *passou um corretivo* no aluno indisciplinado.

[Rel] = O *corretivo* que a diretora *passou* no aluno indisciplinado acarretou em suspensão.

[RedVsup] = O *corretivo* da diretora no aluno indisciplinado acarretou em suspensão.

Com sujeito agente com características humanas e complemento preposicionado com traço humano ou animado, o substantivo *sabão*, exemplo 27, assim como *corretivo*, exemplo 28, contêm sentido conotativo de advertência, bronca; e o sentido do verbo, juntamente com o SN, sofre alterações, realizando-se como verbo-suporte com o valor semântico de *censurar, repreender, advertir*. O apagamento do verbo não descarta o sentido descrito, tal sentido está expresso no nome. Trata-se, portanto, de verbo-suporte.

29) O médico *passou um remédio* para o paciente.

[Rel] = O *remédio* que o médico *passou* para o paciente foi eficiente.

[RedVsup] = O *remédio* do médico para o paciente foi eficiente.

30) O professor de português *passou uma atividade* longa aos alunos.

[Rel] = A *atividade* que o professor de português *passou* aos alunos é longa e difícil.

[RedVsup] = A *atividade* do professor de português aos alunos é longa e difícil.

Com complemento expresso por nome designativo de medicamento prescrito, exercício ou atividade, o verbo significa *prescrever, indicar, receitar*, exemplo 29, *ou, até mesmo, ordenar fazer, sugerir*, exemplo 30. Mesmo com o apagamento do verbo *passar*, consegue-se manter o sentido da primeira frase, o de *prescrever*, exemplo 29, *ou ordenar fazer*, exemplo 30. Tratam-se, portanto, de verbos-suporte.

- 31) João *passou uma demão* de tinta na casa.
 [Rel] = *A demão* de tinta que João *passou* na casa melhorou a aparência do local.
 [RedVsup] = *A demão* de tinta de João na casa melhorou a aparência.
- 32) Maria *passou recomendações* aos alunos novatos.
 [Rel] = *As recomendações* que Maria *passou* aos alunos novatos foram necessárias para o bom andamento da escola.
 [RedVsup] = *As recomendações* de Maria aos alunos novatos foram necessárias para o bom andamento da escola.
- 33) Maria *passou informações* aos alunos.
 [Rel] = *As informações* que Maria *passou* aos alunos eram relevantes.
 [RedVsup] = *As informações* de Maria aos alunos eram relevantes.
- 34) Maria *passou um aviso* aos alunos.
 [Rel] = *O aviso* que Maria *passou* aos alunos eram relevantes.
 [RedVsup] = *O aviso* de Maria aos alunos eram relevantes.
- 35) Maria *passou recomendações* aos alunos novatos.
 [Rel] = *As recomendações* que Maria *passou* aos alunos novatos foram necessárias para o bom andamento da escola.
 [RedVsup] = *As recomendações* de Maria *passou* alunos novatos foram necessárias para o bom andamento da escola.
- 36) Maria *passou a escova* no cachorro.
 [Rel] = *A escova* que Maria *passou* no cachorro o deixou com uma aparência melhor.
 [RedVsup] = *A escova* de Maria no cachorro o deixou com uma aparência melhor.
- 37) Maria *passou goma* na saia.
 [Rel] = *A goma* que Maria *passou* na saia era nova.
 [RedVsup] = *A goma* de Maria na saia era nova.

Os exemplos de 31 a 37 são considerados verbo-suporte por responderem a um dos critérios, além da relativa e do apagamento do verbo, que serve para identificar a estrutura de suporte. Todos os casos contêm um verbo pleno correspondente à estrutura passar + SN: exemplo 31: *passou uma demão de tinta* = *pintou*; exemplo 32: *passou recomendações* = *recomendou*; exemplo 33:

passou as informações: informou; exemplo 34: passou um aviso = avisou; exemplo 35: passou recomendações = recomendou; exemplo 36: passou a escova = escovou; exemplo 37: passou goma = engomou. Tratam-se, portanto, de verbo-suporte.

38) João *passou a lábia* em Maria.

[Rel] = A lábia que João passou em Maria a fez acreditar na suposta mentira.

[RedVsup] = *A lábia de João em Maria a fez acreditar na suposta mentira.*

39) A professora da UnB *passará uma temporada* na UFES.

[Rel] = A temporada que a professora da UnB passará na UFES trará contribuições à Universidade.

[RedVsup] = *A temporada da professora da UnB na UFES trará contribuições à Universidade. (verbo-suporte)*

40) *Passou uma chuva* forte por Cariacica.

[Rel] = A chuva forte que *passou por* Cariacica deixou a cidade alagada.

[RedVsup] = A chuva de Cariacica deixou a cidade alagada.

Tratam-se, portanto, os exemplos 38, 39 e 40 de casos de verbos-suporte.

3º Bloco – Exemplos de Expressão Fixa

1) João *passou a limpo* o texto.

[Rel] = O texto que João *passou a limpo* estava bom

[RedVsup] = *O texto de João *a limpo* estava bom

2) Maria *passou os cinco dedos* no lápis de João.

[Rel] = Os *cinco* dedos que Maria *passou* no lápis de João o deixou bravo.

[RedVsup] = *Os *cinco* dedos de Maria no lápis de João o deixou bravo. (expressão fixa)

3) Maria *passou a chave* na porta antes de sair.

[Rel] = A *chave* que Maria *passou* na porta antes de sair a deixou tranquila.

[RedVsup] = *A *chave* de Maria na porta antes de sair a deixou tranquila. (expressão fixa)

4) Maria *passou um carão* no baile de formatura.

[Rel] = O *carão* que Maria *passou* no baile de formatura a fez chorar.

[RedVsup] = *O *carão* de Maria no baile de formatura a fez chorar.

5) O aniversário de Maria não pode *passar em branco*.

[Rel] = O *branco* que o aniversário de Maria ia *passar* a deixou triste.

[RedVsup] = *O *branco* do aniversário de Maria a deixou triste.

6) João *passou por bobo* na festa

[Rel] = O *bobo* que João *passou* na festa foi humilhante.

[RedVsup] = *O *bobo* de João na festa foi humilhante.

7) Maria *passou como louca* na festa

[Rel] = A *louca* que Maria *passou* na festa foi vergonhosa.

[RedVsup] = *A *louca* de Maria na festa foi vergonhosa.

8) A história só *passou de um sonho*.

[Rel] = O *sonho* que a história *passou* a fez desistir

[RedVsup] = *O *sonho* da história a fez desistir

9) O projeto do prédio não *passou do papel*.

[Rel] = *O *papel* que o projeto não *passou* não foi concretizado.

[RedVsup] = *O *papel* do projeto não foi concretizado.

10) A solução do problema não *passou pela cabeça* do aluno.

[Rel] = A *cabeça* do aluno pela qual *passou* a solução do problema não foi resolvido.

[RedVsup] = *A *cabeça* do aluno da solução do problema não foi resolvido.

11) João *passou o olho* no texto de Maria.

[Rel] = O *olho* que João *passou* no texto de Maria acusou alguns erros conceituais.

[RedVsup] = *O *olho* de João no texto de Maria acusou alguns erros conceituais.

12) João *passou a perna* em Maria.

[Rel] = A *perna* que João *passou* em Maria causou um rombo em sua conta corrente.

[RedVsup] = *A *perna* de João em Maria causou um rombo em sua conta corrente.

13) O presidente *passou a bola* para o vice nas eleições.

[Rel] = *A bola* que o presidente *passou* para o vice nas eleições o deixou mal perante a população.

[RedVsup] = **A bola* do presidente para o vice nas eleições o deixou mal perante a população.

14) João *passou a mão* no relógio de Maria.

[Rel] = *A mão* que João *passou* no relógio de Maria foi violenta.

[RedVsup] = **A mão* de João no relógio de Maria foi violenta.

Os exemplos acima listados apresentam um novo sentido diferente do sentido dos elementos que compõem a estrutura, *passar* + SN, devendo ser entendido como uma unidade lexical ou item lexical. Assim, quando uma sequência é fixa, o seu significado não pode ser deduzido do significado dos seus componentes. Por definição, o significado de uma expressão fixa é a não-composicionalidade (GROSS, 1986). Tratam-se, portanto, de expressões fixas.

5.1.1 Quantificação do complemento

Muitas construções com verbo-suporte correspondem a outras construções com o mesmo significado básico, contemplado, em alguns casos, por um verbo pleno, e, por isso, percebemos que o falante seleciona o emprego de um verbo-suporte com a intenção de conseguir um efeito especial ou mais enfático em seu enunciado.

O uso de um verbo-suporte muitas vezes é preferível pelo falante se considerarmos o fato de que sua versatilidade é, em muitos casos, maior se comparado a um verbo pleno. O emprego da construção sintática **verbo-suporte + objeto** permite maior versatilidade sintática como em:

a) Permite que se possa fazer uma quantificação do nome do complemento:

- Silvan passou mal =
- Silvan passou *muito* mal.
- Silvan passou *muitíssimo* mal.
- Silvan passou mal *demais*.

Ou

- Silvan passou perfume =
- Silvan passou *pouco* perfume.
- Silvan passou *muito* perfume.
- Silvan passou *muito pouco* perfume.
- Silvan passou *bastante* perfume.
- Silvan passou perfume *demais*.
- Silvan passou perfume *exageradamente*.

É notável que nos dois exemplos de estrutura, mencionados acima, o nome do complemento ora adquire um traço [+abstrato] (passar *mal*), ora adquire um traço [+concreto] (Passar *perfume*) e, em ambos os casos, a quantificação é aceita. Se trocarmos *passar perfume* pelo seu verbo pleno correspondente (perfumar-se) poderemos indicar maior ou menor intensidade da ação e/ou processo como se vê em *perfumou-se demais*, *perfumou-se pouco*; e o quantificador ater-se-ia à posição posposta ao verbo pleno.

b) Permite que se possa indicar posse reflexiva, quando o nome do complemento mantém com o nome do sujeito uma relação correferencial, como em:

- Gláucia *passou o seu sermão* de sempre.
- É estudando que ele *passa seu tempo*.

Além dessa versatilidade sintática, o uso da construção verbo-suporte + objeto permite obter-se maior adequação comunicativa, o que pode ocorrer de variadas formas. O falante se vale para obter uma maior adequação de registro, principalmente, em eventos de ordem coloquial.

- A mãe *passou um sabão* no filho.
- A mãe *passou aquele sabão* no filho.

O evento “passar sabão” possui o valor do verbo pleno *advertir*, no entanto, numa situação informal, não é recorrente.

No entanto, o verbo *passar* pode aparecer em situações formais e ser considerado como verbo-suporte:

- O Presidente *passou a palavra* ao Ministro
- Devo *passar-lhe as recomendações*

O uso do verbo-suporte pode representar a alteração da organização informativa da oração, o que possivelmente provocará consequências no desenvolvimento do próprio desenrolar de informações do texto:

- Não *passei dificuldade* para entender o conteúdo

E, por fim, configurar um aspecto verbal ²particular:

- *Passei o olho* no texto dela.
- *Passei o olho* nas crianças enquanto elas brincavam.
- *Passei uma informação* aos alunos

Percebemos que na construção *passei o olho*, substantivo *olho*, junto ao verbo *passar*, indica tempo curto, uma pequena duração de tempo nas duas primeiras frases. No entanto se utilizássemos a forma plena *olhei*, acarretaria a leitura de um evento pontual.

Olhei o texto dela.

Olhei as crianças enquanto elas brincavam.

Já a construção *passei umas informações* é mais informal e menos aspectual se comparado à forma *informar/informei*.

5.2 TRANSFORMAÇÕES DE FRASES EM VOZ ATIVA PARA VOZ PASSIVA

Voz é a categoria verbal pela qual se marca a relação entre o verbo e seu sujeito. Essa relação pode ser de atividade, passividade ou ambas.

² O aspecto verbal exprime a ação verbal no seu início, no seu desfecho, no seu curso, num de seus instantes, na sua freqüência. O aspecto pode ser: **Pontual** - Indicando que o processo foi instantâneo (disse, olhei); **Cursivo ou durativo** - Em que se vê a ação em seu desenvolvimento (ia dizendo, estava olhando); **Conclusivo** - O processo é visto em seu fim, como concluso e com um resultado (leu, trabalhou); **Permansivo** - O processo está concluso e com um resultado permanente (caiu, sabe, aprendeu); **Incoativo ou inceptivo** - Em que o processo verbal é visto em seu começo (amanhecer, partir); **Iterativo ou freqüentativo** - Se exprime uma série de processos repetidos (voejar, saltitar, tenho falado, bate que bate). O aspecto pode ser expresso por sufixos: -ecer, asp. Incoativo; -ejar, -itar, asp. Iterativo. **Por um verbo auxiliar** - começar a, entrar a, asp. inceptivo ou incoativo; **Pelo tempo verbal** - o pretérito imperfeito é de asp. cursivo, ao passo que o perfeito é conclusivo; **Pela própria significação do radical** - *cair* é pontual, *partir* é incoativo, *chegar* é conclusivo, *andar* é cursivo, *saber* é permansivo.

A voz passiva, com o verbo *passar*, somente ocorrerá quando esse realizar-se como verbo pleno, verbo-suporte ou expressão fixa, no entanto, tradicionalmente, deve aparecer na categoria classificatória de verbo transitivo direto (VTD), visto que, de acordo com a gramática, somente os verbos transitivos diretos podem ser levados da ativa para a passiva ou vice-versa. Onde, na voz passiva, o objeto direto passa a ter a função de sujeito da oração e o sujeito, a de agente da passiva.

1) Maria *passou* **um aviso** aos alunos (*passar* = verbo suporte / VTD)

O aviso foi *passado* por Maria aos alunos.

2) Maria *passou* **o texto** a limpo antes da entrega. (*passar* = expressão fixa / VTD)

O texto foi *passado* a limpo por Maria antes da entrega.

3) Maria *passou* **a roupa** que estava amarrotada.

A roupa que estava amarrotada foi *passada* por Maria.

Já, na classificação de verbo intransitivo (VI) ou transitivo indireto (VTI), e algumas expressões fixas, não se admite uma forma apassivada:

4) Maria *passou* **pela festa** ontem à noite

***A festa** foi *passada* por Maria ontem à noite.

5) João *passou* **por bobo** na festa.

***Por bobo** João foi *passado* na festa.

*João foi *passado* **por bobo** na festa.

Importante ressaltar que com o verbo *passar*, nessa construção não obtemos um enunciado aceitável, no entanto, se trocarmos pelo verbo *fazer*, obtém-se um enunciado aceitável:

- João foi *feito* de bobo na festa.

6) João *passou a perna* em Maria no jogo de cartas.

***A perna** foi *passada* em Maria por João no jogo de cartas.

Como expressão fixa, não se consegue um enunciado aceitável, no entanto, como verbo pleno a construção torna-se aceitável:

7) João *passou a perna* em Maria e a derrubou.

A perna foi *passada* em Maria por João e a derrubou.

5.3 DISTRIBUIÇÃO SINTÁTICA DOS ITENS

Pode-se notar neste estudo uma série de propriedades sintáticas de natureza distribucional e outras de natureza transformacional que já valemo-nos de algumas, pois são aquelas que dizem respeito à possibilidade de transformação, ou seja, à possibilidade de apagamento de constituintes, a apassivação, a pronominalização. As propriedades distribucionais dizem respeito à natureza dos componentes que preenchem as casas livres de cada estrutura. Como propriedade distribucional, temos o tipo de distribuição dos constituintes, assim, temos os seguintes casos:

1) O ônibus *passou* do ponto.

- *Maria* passou do ponto
- *O carro* passou do ponto
- **O arroz* passou do ponto
- **O avião* passou do ponto
- *A bicicleta* passou do ponto
- *A moto* passou do ponto
- *O táxi* passou do ponto

Os possíveis itens que podem ocupar a casa argumental anteposta ao verbo, no exemplo 1, são definidos como substantivo ou grupo nominal com o traço **humano**. Um substantivo pode ser considerado humano se ele responde a um dos seguintes critérios: a) corresponde um nome de uma pessoa; b) pode ser substituído pelo pronome alguém ou por um pronome pessoal de primeira ou de segunda pessoa; c) pode responder a uma pergunta formulada com o pronome *quem*. Esta explanação é válida se tomarmos substantivos como: *ônibus, carro...* como casos de personificações, visto que há a necessidade de uma força humana para terem a capacidade de locomoção: *alguém* dirige o *ônibus* para que ele *passe do ponto*.

2) O doce *passou* do ponto.

- *A laranja* passou do ponto.
- **Maria* passou do ponto.
- *A massa* passou do ponto.
- **O táxi* passou do ponto.
- *O pastel* passou do ponto.
- **O cachorro* passou do ponto.

Já no exemplo 2, o item a preencher a casa argumental anteposta ao verbo é definido como um substantivo **não-humano**. Esse substantivo tanto pode ser um substantivo concreto como abstrato. Na prática, basta-nos como critério que esse substantivo possa ser substituído pelo pronome algo e que não possa ser substituído por *alguém*.

Assim, a mudança do item anteposto ao verbo identifica e ratifica o sentido de *passar* nas duas situações. Mesmo sendo a palavra *ponto* complemento em ambos os casos, seu sentido é diferente em cada situação; no exemplo 1 temos *ponto* como lugar pré-estabelecido, local físico; ao passo que, no exemplo 2, temos *ponto* como grau adequado de cozimento de qualquer alimento, especialmente daqueles feitos com açúcar ou qualquer tipo de calda. A mudança do sujeito é responsável pela delimitação e aceitação de diferentes enunciados.

5.4 COORDENAÇÃO DOS ITENS

Para que duas sequências possam ser coordenadas é necessário que apresentem o mesmo estatuto sintático e não haja entre elas incompatibilidade semântica.

Quando um verbo é pleno, a coordenação de sequências que tenham complementos de mesma natureza é possível como, por exemplo:

- Maria passou pela ponte e pela avenida para chegar a Vitória.

Por ser um exemplo de *passar* como verbo pleno, o sentido é de “locomover-se, deslocar-se”, pede, consecutivamente, um locativo. Logo é possível dispormos em formato de coordenação.

5.4.1 Verbo Pleno (VP) x Verbo-Suporte (VS)

Quando uma estrutura *passar* + SN é composta pelo *passar* com classificações distintas, pleno e suporte, não é possível coordená-las.

- 1) Maria *passou uma borracha no texto* – VP
- 2) Maria *passou uma recomendação para os alunos* – VS

Coordenação:

*Maria *passou uma borracha e uma recomendação no texto.*

*Maria *passou uma borracha e uma recomendação para os alunos.*

Além da classificação do verbo ser distinta (verbo pleno X Verbo-suporte), há uma incompatibilidade semântica entre os tipos de complementos, tornando impossível uma coordenação perfeita.

Assim como nas sequências:

- 3) Maria *passou um filme.* – VP
- 4) Maria *passou um batom.* – VS

*Maria *passou um filme e um batom.*

5) Maria *passou uma vassoura* na casa – VP

6) Maria *passou frio* na noite passada – VS

*Maria *passou uma vassoura e frio* na casa

*Maria *passou uma vassoura e frio* na noite passada

Nos exemplos acima, há uma incompatibilidade semântica entre os tipos de complementos, tornando impossível uma coordenação aceitável. Percebe-se que o que interfere na construção da coordenação é a escolha do argumento posposto ao verbo, visto que temos os mesmos sujeitos em todos os enunciados. Podemos afirmar que o complemento é responsável pelo sentido adquirido pelo verbo nas frases.

5.4.2 Verbo-Suporte (VS) X Expressão Fixa (EF)

Assim como no ponto anterior, não conseguimos coordenar um verbo pleno com um verbo-suporte por causa da natureza dos complementos, não é possível coordenar um verbo-suporte com uma expressão fixa, mesmo, as duas estruturas, sendo compostas por *passar* + SN.

1) Maria *passou o lápis no olho* – VS

2) Maria *passou o olho no texto* – EF

*Maria *passou o lápis e o olho no texto*

3) Maria *passou fome* – VS

4) Maria *passou a perna em João* – EF

*Maria passou fome e a perna em João.

Há, nos exemplos acima, uma incompatibilidade semântica, tornando impossível uma coordenação aceitável.

5.5 PRONOMINALIZAÇÃO

Pelo fato de o verbo-suporte ter como complemento um sintagma-nominal não-referencial, não se pode substituir o provável complemento por uma forma pronominal oblíqua. Os exemplos abaixo ilustrarão o teste da pronominalização:

- a) Maria *passou vergonha* na escola.
- b) As crianças *passam fome* na África.
- c) Os meninos *passam frio* na rua.
- d) Maria *passou medo* à noite quando ficou sozinha.
- e) Maria *passou por necessidade* no inverno
- f) João *passou raiva* no consultório médico.
- g) João *passa confiança* a seus amigos.
- h) O pai *passou um sermão* no filho.
- i) Maria *passou informações* aos alunos.
- j) Maria *passou um aviso* aos alunos.

Observando esses exemplos, pode-se apreender que os verbos-suporte cultivam uma forte solidariedade sintática com o substantivo que se segue, ao qual não atribuem caso (papel temático). Atente-se que esse substantivo dispõe de uma baixa referencialidade, não vem antecedido de especificadores (artigo definido ou pronome), não funciona como argumento interno do verbo e, por isso, não é proporcional a um pronome:

- a) * Maria *passou-a* na escola.
- b) * As crianças *passam-na* na África.
- c) * Os meninos *passam-no* na rua.
- d) * Maria *passou o* à noite quando ficou sozinha.
- e) * Maria *passou por ela* no inverno
- f) * João *passou-a* no consultório médico.
- g) * João *passa-a* a seus amigos.
- h) * O pai *passou-o* no filho.
- i) * Maria *passou-as* aos alunos.
- j) * Maria *passou-o* aos alunos.

Isso mostra que, em sentenças com verbo-suporte, verbo e substantivo operam integradamente como núcleo do sintagma verbal, inexistindo fronteiras entre ambos.

5.6 SUBSTITUIÇÃO

Nota-se, também, que o sentido do sintagma verbal deriva do conjunto formado pelo verbo-suporte + o sintagma nominal, tornando-se **quase** impossível a substituição do verbo-suporte por um sinônimo:

- a) * Maria **atravessou** *vergonha* na escola.
- b) * As crianças **cruzam** *fome* na África.
- c) * Os meninos **atravessam** *frio* na rua.
- d) * Maria **transpôs** *medo* à noite quando ficou sozinha.
- e) * Maria **atravessou** *por necessidade* no inverno
- f) * João **cruzou** *raiva* no consultório médico.
- g) * João **transpõe** *confiança* a seus amigos.
- h) * O pai **decorreu** *um sermão* no filho.
- i) * Maria **atravessou** *informações* aos alunos.
- j) * Maria **cruzou** *um aviso* aos alunos.

6. ESTRUTURAS INTERNAS DAS CONSTRUÇÕES COM VERBO-SUPORTE

Nas estruturas com verbo-suporte temos, como já foi dito, um verbo que sofreu um processo de mudança se comparado aos verbos significativos (transitivos e intransitivos) e, portanto, vê-se, em relação ao seu verbo pleno correspondente, destituído de alguns dos seus traços semânticos originais, sobretudo a capacidade de atribuir o papel semântico de locativo ao seu argumento interno.

O verbo torna-se um mero veiculador de informação aspectual e de estado de coisas, além das informações gramaticais de modo, tempo, número e pessoa que já mencionamos anteriormente. O nome também sofre modificações, sofrendo certa abstratização e passando de um sentido concreto, normalmente espacial a um sentido abstrato que atinge domínios emocionais e/ou cognitivos, mas é ele, como núcleo da predicação, que será responsável pela atribuição de uma área temática

O substantivo que funciona como núcleo do sintagma nominal será o lexema responsável pela predicação da estrutura inteira. Com esse processo de transferência, ele deixa de exercer sua função prototípica de referência, ou seja, designação de objetos e entidades do mundo extralingüístico, adquirindo a dupla função de transmitir informações sobre a área temática e as de estado de coisas (ATHAYDE, 2001)

O SN, sendo agora o centro da predicação, será responsável pela abertura de espaços vazios a serem preenchidos pelos argumentos da construção inteira, portanto, à medida que a estrutura com verbo-suporte vai se tornando mais

fixa, o SN deixa de ser argumento do verbo passando a parte inerente deste e seus complementos serão complementos da estrutura inteira.

Ex.1 : No cinema, Samuel *passou a perna* na minha e eu me aborreci

Samuel: sujeito

Passou a perna na minha: SV – predicado

Passou: VTD

A perna: OD

Na minha: ADJ. ADV.

Ex.2 : Heitor *passou a perna* na família inteira.

Heitor: sujeito

Passou a perna na família: SV – predicado

Passou a perna: estrutura com verbo-suporte

Na família inteira: complemento preposicionado

Os substantivos núcleos do SN sofrem, por consequência do processo de transferência da função predicativa e da gramaticalização do verbo, uma abstratização, o que corrobora com a sua nova função valencial.

Essa característica dos substantivos que fazem parte da estrutura com verbo-suporte terem um certo grau de abstratização e possuírem estrutura argumental foi observado por PLAZA (2005) em seu livro “*Combinaciones verbonominales e lexicalización*”, no qual observa que a fixação dessas combinações começa quando começam a aparecer restrições quanto à

colocação de determinantes no SN. Enquanto em expressões menos lexicalizadas, o sintagma nominal pode apresentar variação de número e aceita a inserção de artigos, quantificadores e possessivos como acontece em **dar um beijo** (dar beijo, dar beijos, dar meu beijo, dar uns beijos); expressões como **dar lugar** o substantivo não apresenta variação de número e não aceita determinantes (PLAZA, 2005)

O substantivos abstratos são definidos na gramática tradicional como “nomes que não possuem existência autônoma”, mas, segundo Bosque (2000), é de se questionar a relevância da classificação entre abstratos e concretos para a descrição gramatical. Mais importante é a intersecção com os substantivos contínuos e descontínuos (não-contáveis e contáveis) que tem consequências morfossintáticas na concordância de número e na presença ou ausência de determinante, por exemplo.

Outra subclassificação dos substantivos que parece ter importância para as construções de que estamos tratando é a dos eventivos. São contáveis, não necessariamente deverbais, que não designam objetos concretos, mas acontecimentos; podem exercer a função de sujeito de “ter lugar” ou objetos de “presenciar”. As entidades designadas possuem limites temporais e podem ser acompanhadas da preposição “durante”.

Nem todos os substantivos que formarão estrutura com verbo-suporte serão eventivos, mas nota-se, através desta última característica, a proximidade aspectual com os verbos. Por isso dizemos que o substantivo é bivalente.

Uma vez formada, a construção seleciona um argumento externo que terá a função de sujeito da predicação. O papel temático do sujeito apresenta o traço

que determina se ele é ou não controlador da expressão verbal. Isso será importante para determinar a estrutura argumental do verbo de movimento.

O verbo passar, quando pleno com o sentido de finalizar, seleciona, somente, sujeitos abstratos:

A fome passou;

A dor passou;

O amor passou;

A tempestade passou.

[...]

Quando verbo-suporte, seleciona argumentos pospostos, complementos verbais, de valor:

- 1) abstrato;
- 2) concreto com valor de cosmético;
- 3) Concreto / nome designativo de forma de comunicação.

6 CONCLUSÃO

Este estudo apresentou uma descrição lingüística de uma amostra de 90 estruturas compostas pelo verbo *PASSAR+SN*. Essas estruturas foram analisadas a partir de critérios formais, levando-se em conta as propriedades apresentadas pelas sequências, o que permitiu de maneira sustentável estabelecer critérios de identificação para grupos de estruturas compostas por verbo-suporte, verbo pleno ou expressão fixa e, como consequência, instituir distinções entre as mesmas. O estudo fundamentou-se a partir da inserção das estruturas em frases simples para observação do comportamento sintático-semântico dos itens. Esse procedimento segue a hipótese geral do método de descrição do léxico-gramática: uma descrição das unidades de significação não pode ser feita considerando-se a palavra isolada, mas, sim, a palavra em contexto a partir da elaboração de frases simples que apresentam sujeito, predicado e seus complementos.

Nesta pesquisa, observou-se que é preciso considerar todas as relações entre as frases construídas com as sequências, levando-se em conta as distribuições sintáticas de seus componentes. Ou seja, é preciso descrever o conjunto de propriedades sintáticas que cada sequência apresenta. O resultado da análise demonstra que as sequências têm propriedades diferentes. A diversidade de propriedades apontou a necessidade de um estudo detalhado aliado a um conjunto de critérios que permitissem a observação das restrições morfosintáticas da estrutura interna dessa categoria, isto é, da estrutura *PASSAR+SN*.

Foi possível perceber, no âmbito textual, que as principais características dessas sequências constituídas de *passar+SN* encontram-se a partir das escolhas dos sintagmas nominais, visto que o uso da construção sintática verbo-suporte+SN pode levar à obtenção de maior precisão semântica, mesmo se considerarmos que as construções correspondentes com verbo pleno

possuem, basicamente, o mesmo sentido, percebemos que os resultados semânticos obtidos nas duas construções nunca são idênticos. O falante pode opinar pelo uso da construção com verbo-suporte e obter diversos efeitos semânticos.

Constatamos, estruturalmente, que as construções com verbo-suporte admitem a inserção de itens (advérbios, alguns determinantes não referenciais, adjetivos) entre itens componenciais; aceitam a relativização e, conseqüentemente, o apagamento do verbo-suporte, confirmando seu significado esvaziado e ratificando sua função de transmitir as principais atribuições verbais (tempo, aspecto e ação) ao sintagma nominal posposto. Constatou-se também que a voz passiva, com o verbo *passar*, somente ocorrerá quando esse realizar-se como verbo pleno, suporte ou expressão fixa, no entanto, tradicionalmente, deve aparecer na categoria classificatória de verbo transitivo direto (VTD); verificou-se que quando há uma incompatibilidade semântica entre os tipos de complementos, torna-se impossível uma coordenação aceitável entre os itens.

Todos os testes atribuídos à estrutura em estudo comprovam a veracidade do uso do verbo *passar* com realização também de verbo-suporte. Acredita-se que a motivação para esse processo está nas necessidades comunicativas do usuário da língua. Para dar conta delas, ele tem à sua disposição formas na língua satisfatórias assim como a possibilidade - que a gramática, na sua maleabilidade, oferece-lhe - de recuperar, para novas funções, formas lingüísticas cujas funções de partida não são tipicamente essas.

É relevante também levantarmos o fato de a classificação do predicado, quando constituído de verbo-suporte + sintagma nominal, não possuir uma nomenclatura padrão, uma vez que nossa estrutura verbal em questão não se enquadra dentro dos verbos plenos (transitivos ou intransitivos) nem dos verbos de ligação, sendo impossível, assim, classificar, de acordo com a

gramática tradicional ou/e livros didáticos, o predicado do enunciado como predicado verbal, nominal ou verbo-nominal.

De acordo com CUNHA (1994) o predicado nominal é aquele formado por um verbo de ligação + predicativo. O verbo de ligação pode expressar a) estado permanente: *As almas **são** incomunicáveis*; b) estado transitório: *Ambos **estavam** acanhados*; c) mudança de estado: ***Fiquei** perplexo*; d) continuidade de estado: *Os dentes **continuavam** alvíssimos*; e) aparência de estado: *As moças não **pareciam** tristes*. Os verbos de ligação (ou copulativos) servem para estabelecer a união entre duas palavras ou expressões de caráter nominal. Não trazem propriamente ideia nova ao sujeito; funcionam como elo entre este e o seu predicativo. Já o predicado verbal tem como núcleo, isto é, como elemento principal da declaração que se faz do sujeito, um verbo significativo. Verbos significativos são aqueles que trazem uma ideia nova ao sujeito. Podem ser transitivos ou intransitivos. E, finalmente, o predicado verbo-nominal que se configura como um predicado misto, que possui dois núcleos significativos (um verbo e um predicativo).

Dessa forma, seria impossível classificar a estrutura com verbo-suporte em uma das classificações acima, uma vez que o verbo em estudo não se enquadra nas classificações de verbo significativo, transitivo ou intransitivo, tampouco como de ligação. O predicado dessa estrutura seria resultado da aplicação de uma regra de formação em que um verbo-suporte e um elemento nominal (ou um elemento adjetival, dependendo da forma verbal que assume função de verbo-suporte; e, ainda, um elemento preposicional, embora este seja menos freqüente) se fundem semanticamente em um novo predicado, compondo uma unidade sintática, semântica e funcional. Esse processo de formação de predicado funciona, portanto, para expandir o conjunto de predicados já existentes em uma língua.

Abaixo, sintetizamos as informações levantadas acerca do uso do verbo *passar* como verbo pleno, suporte ou expressão fixa.

Com isso, pretende-se estabelecer uma distinção teórico-prática das propriedades distribucionais do uso do verbo passar se realizando como verbo pleno, verbo-suporte ou expressão-fixa e também uma distinção com fins didáticos de classificação. Dessa forma concluímos que o verbo passar pode, nas seguintes situações, realizar-se:

COMO VERBO PLENO

- Admite complementos preposicionados e não-preposicionados, determinados e não-determinados. Pode realizar-se como verbo transitivo direto: “O ônibus passou o carro da frente” ou verbo intransitivo: “A dor passou”; de acordo com as valências verbais, pode ser considerado verbo monovalente: “Minha fome passou”; bivalente: “João passou pela ponte” ou trivalente: João passou de uma cadeira para outra”;
- Possui exclusivamente comportamento lexical;
- É o principal responsável pela atribuição de papel temático ao(s) seu(s) argumento(s), visto que é um verbo significativo;
- Não há restrições quanto à estrutura morfossintática do sintagma com que se combina no âmbito do SV: o constituinte que complementa esse verbo pode apresentar-se em qualquer de suas formas (flexionado, determinado ou modificado);
- Compõe uma estrutura composta de predicado verbal: “Maria passou roupa”, nominal: A água passou de líquida para sólida” ou verbo-nominal: “O carro passou pela ponte empurrado”;

- As construções com verbo pleno não admitem a inserção de itens (advérbios, alguns determinantes não referenciais, adjetivos) entre o mesmo e seus complementos; não aceitam a relativização e, conseqüentemente, não aceitam o apagamento do verbo, uma vez que é um verbo significativo e seu papel é único e exclusivamente lexical.

COMO VERBO-SUPORTE:

- Associa-se a um complemento de maneira particular, visto que, na maioria dos casos tal complemento é não-determinado e não modificado, haja vista o fato de que quanto mais referencial, menor sua contribuição para a formação da estrutura com verbo-suporte;
- Tem comportamento léxico-gramatical:
 - a) Vale-se de seu comportamento lexical para a formação do enunciado, visto que transfere ao nome as características de verbo: tempo, flexão, pessoa, aspecto e modo;
 - b) No entanto, por ter sua semântica esvaziada, transfere suas características gramaticais de verbo ao elemento nominal ao qual se alia;
- Não é o único responsável a atribuir papel temático ao(s) seu(s) argumento(s), partilha essa função com o sintagma nominal ao qual se alia;
- Há restrições quanto à estrutura morfossintática do sintagma com que ele se combina no âmbito do SV: o elemento nominal que se incorpora a esse verbo é, na maioria dos casos, não-flexionado, não-determinado e não modificado. No entanto, foi constatado que quando o SN indicar tempo, esse elemento nominal pode vir precedido de determinante: *passar a lua-de-mel*; *passar a tarde*; *passar o dia...*

- Não há uma classificação adequada para enquadrar o caso de verbo-suporte, uma vez que não pode ser considerado como verbo significativo, tampouco como verbo de ligação, dessa forma não se enquadraria como predicado verbal, nominal ou verbo nominal;
- As construções com verbo-suporte admitem a inserção de itens (advérbios, alguns determinantes não referenciais, adjetivos) entre itens componenciais; aceitam a relativização e, conseqüentemente, o apagamento do verbo-suporte, confirmando seu significado esvaziado e ratificando sua função de transmitir as principais atribuições verbais (tempo, aspecto e ação) ao sintagma nominal posposto.

COMO EXPRESSÃO FIXA:

- O verbo integra uma unidade lexical , algumas vezes dissociado do seu sentido literal. O possível complemento não tem participação na atribuição de papel temático.
Ex.: Maria passou o olho no meu texto e me devolveu (ler rapidamente)
João passou o olho nas crianças para eu ir ao mercado. (vigiar);
- Possui comportamento particular, já que funciona como um bloco único, dissociável;
- Não tem participação na atribuição de papel temático;
- Há restrição quanto à estrutura morfossintática do elemento que a ele se relaciona: o verbo principal é não-flexionado;
- Também não se enquadraria em uma dessas classificações estabelecidas pela gramática normativa. O verbo não é considerado significativo, pois faz parte de um bloco léxico-gramatical único;

- Não admitem inserção de itens entre as partes que compõem a expressão.
- A expressão, na maioria dos casos, mantém uma correlação com uma nova forma verbal que não se vale do mesmo radical: *passar a perna* = enganar; *passar o olho* = dependendo do contexto, vigiar ou ler sem compromisso; *passar a chave* = fechar; *passar a limpo* = finalizar/retocar...

Athayde (2000) traça a delimitação entre as estruturas com verbo-suporte e as expressões-fixas. Estas se encontram no mais alto grau de fixação sintática, não permitindo a inserção de quaisquer elementos na sua estrutura, e semântica estando completamente fixas, ou seja, não se consegue depreender o significado do todo através do significado das partes: “o significado não é a esperada união regular de A e B (‘A+B’) [...], mas um significado diferente ‘C’ [...], que não inclui nem ‘A’ nem ‘B’” (IRIARTE SANROMÁN, 2001)

EX.: *A Maria fez uma tempestade num copo d’água* - * *A Maria fê-la num copo d’água*.

A professora passou o olho no meu texto e não gostou - *A professora passou-o no meu texto e não gostou* –

Assim, é notável que o uso do verbo *passar* como um caso de verbo-suporte é verdadeiro. Constatamos que é grande o número de ocorrências de tal verbo como suporte, mesmo com um número pequeno de estruturas analisadas, visto que seria impossível analisarmos um número muito elevado no período que compõe o mestrado, acreditamos que será possível tanto uma delimitação quanto um aprofundamento maiores em uma pesquisa de doutorado, que é o que almejamos. No entanto, não se pode deixar de elencar que com essa descrição definiu-se um conjunto de regras e critérios de delimitação de

unidades lexicais, constituindo-se uma base para incorporação de novos itens ao léxico.

9. REFERÊNCIAS

- ABREU, Antônio Suárez. **Gramática mínima para o domínio da língua padrão**. 2. ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.
- ATHAYDE, Maria Francisca. **Construções com verbo-suporte preposicionadas do português e do alemão**. Tese de doutoramento. Coimbra: s.n., 2000.
- AZEREDO, José Carlos de. **Fundamentos de gramática do português**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.
- AZEREDO, José Carlos. **Gramática Houaiss da língua portuguesa**. 2.ed. São Paulo: Publifolha, 2008.
- BASÍLIO, Margarida. **Teoria Lexical**. São Paulo: Ática, 2002 [1987].
- BASÍLIO, Margarida. **Formação e classe de palavras no português do Brasil**. São Paulo: Contexto, 2004.
- BECHARA, E. **Moderna Gramática Portuguesa**. 37 ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 1999.
- BIDERMAN, M. T. C. **Teoria Linguística: teoria lexical de linguística computacional**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- BORBA, Francisco da Silva (Coord.). **Dicionário gramatical de verbos do Português Contemporâneo do Brasil**. São Paulo: UNESP, 1990.
- BORBA, Francisco da Silva. **Uma gramática de valências para o português**. São Paulo: Ática, 1996.
- BOSQUE, Ignacio. *El nombre común*. In: DEMONTE, Violeta; BOSQUE, Ignacio (org.) **Gramática descriptiva de La lengua española**. Vol. 1, Madrid: Editorial Espasa Calpe, 2000.
- BUSSE, Winfried; VILELA, Mario. **Gramática de valências**. Coimbra: Almedina, 1986.
- BORBA, Francisco da Silva. **Organização de Dicionários: uma introdução à Lexicografia**. São Paulo: Ed. UNESP. 2003
- CAMARA JUNIOR, Joaquim Mattoso. **Dicionário de Lingüística e Gramática**, 26ª Ed. Vozes, 2007.

CÂMARA JUNIOR, Joaquim Mattoso. **Estrutura da língua portuguesa**. Petrópolis: Vozes, 2007 [1992].

CANÇADO, M. 2008. **Manual de Semântica: noções básicas e exercícios**. Editora UFMG. 2ª Edição revisada.

CUNHA, Celso Ferreira da. **Gramática da Língua Portuguesa**. 12ª ed. 4ª tir - Rio de Janeiro: FAE, 1994.

CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. **Nova Gramática do Português Contemporâneo**. 5. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2008

DUARTE, I. **Relações gramaticais, esquemas relacionais e ordem de palavras**. In: Mira Mateus *et al.* Gramática da língua portuguesa, 5 ed. Lisboa : Caminho, 2003.

FILLMORE, Charles J. **The case for case**. In: BACH, E. & HARMS, R.T. (Ed.) *Universals in Linguistic Theory*, pp.1-88. New York: Holt, Rinehart and Winston, 1968.

FLORES, Hilda Monetto. **Verbo-suporte e expressões cristalizadas. Um enfoque sintático-semântico-discursivo**. Tese de doutorado. Rio de Janeiro: UERJ, 2006. Orientador: José Carlos Azeredo.

FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica; COSTA, Marcos Antonio; CEZARIO, Maria Maura. Pressupostos teóricos fundamentais. In: FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica; OLIVEIRA, Mariangela Rios; MARTELOTTA, Mário Eduardo. (Orgs.) **Linguística funcional: teoria e prática**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

GROSS, Maurice. *Lexico-Grammar*. **The Representation of Compound Words**. In: COLING – 1986 Proceedings, Bonn, 1986.

_____. **Méthodes em syntaxe**. Paris: Hermann, 1975.

_____. **La construction de dictionnaires électroniques**. *Annales dès Télécommunications*, tome 44, Issy-les-Moulineaux/Lannion: CNET (Tradução Alexis Neme), 1989.

_____. *Linguistics representations and text analysis*. In: **Linguistic Unity and Linguistic Diversity in Europe**, London: Academia Europaea, 1991.

_____. **Mathematical Structures of Language**. New York: Wiley-Interscience, 1968.

_____. **Notes Du Cours de Syntaxe**. Maurice Gross (Trad.) Paris:Édition Du Seuil, 1976.

_____. **Papers on Syntax**. Henry Hiz (ed.). Dordrecht: D. Reidel Publishing Company, 1981.

_____. **A Grammar of English on mathematical principles.** Wiley-Intercience. New York: John Wiley & Sons, 1982.

HOUAISS, Antônio. Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa 3.0. Rio de Janeiro: Instituto Antônio Houaiss/Objetiva, 2009

IGNÁCIO, Sebastião Expedito. **Análise sintática em três dimensões.** 2.ed. Franca: Ribeirão, 2002

ILARI, R., GERALDI, W. **Semântica.** São Paulo: Ática, 1985.

ILARI, Rodolfo. **Introdução à semântica – brincando com a gramática.** São Paulo: Contexto, 2001.

IRIARTE SANROMÁN, Álvaro. **A Unidade Lexicográfica. Palavras, Colocações, Frasemas, Pragmatemas.** Braga: Centro de Estudos Humanísticos – Universidade do Minho, 2001.

KURY, Adriano da Gama. **Novas lições de análise sintática.** 9ª ed. São Paulo: Ática, 2002.

LAKOFF George. JOHNSON, Mark. **Metáforas da vida cotidiana.** Coord. da tradução: Mara Sophia Zanotto. Campinas: Mercado de Letras; São Paulo: Educ, 2002 [1980].

LAPORTE, Eric. Reconnaissance des expressions figées lors de l'analyse automatique. **Langages 90.** Paris, Larousse, 1990.

_____. A Linguística para o processamento das línguas. In: **Revista Recortes Linguísticos.** Vitória: Saberes, n.1, 2000

_____. Exemplos atestados e exemplos construídos na prática do Léxico-Gramática. **Revista (com) textos lingüísticos.** Vitória – ES, n. 2 p. 26-51, 2008.

_____. **Léxicos e gramáticas para processamento de linguagem: produtos industriais ou artesanais? 2009**

LYONS, J. **Linguagem e lingüística: uma introdução.** Cambridge: Cambridge University Press, 1979.

MACHADO VIEIRA, Marcia dos S. **Sintaxe e semântica de predicções com verbo fazer.** Rio de Janeiro: UFRJ, Faculdade de Letras. 362 fl. mimeo. Tese de Doutorado em Língua Portuguesa; 2001.

MATEUS, Maria Helena Mira et alii. **Gramática da língua portuguesa.** Lisboa: Editorial Caminho, 2003.

PERINI, Mário A. **Gramática Descritiva do Português.** São Paulo: Parábola, 2004

PERINI, Mário A. **Gramática do português brasileiro**. São Paulo: Parábola, 2010

MARTELOTTA, Mário Eduardo; AREAS, Eduardo Kenedy. A visão funcionalista da linguagem no século XX. In: FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica; OLIVEIRA, Mariangela Rios; MARTELOTTA, Mário Eduardo. (Orgs.) **Linguística funcional: teoria e prática**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

MARTELOTTA, Mário Eduardo (Org.). **Manual de linguística**. São. Paulo: Contexto, 2008

NEVES, Maria Helena Moura. **Gramática de usos do português**. São Paulo: UNESP, 2000.

_____. **Estudo das construções com verbo-suporte em português**. In Ingedore G. Villaça Koch, org. *Gramática do Português Falado*. Campinas, SP: Editora da Unicamp/Fapesp, 2002.

_____. **A Gramática Funcional**. Coleção Texto e Linguagem. Editora Martins Fontes, 2004

_____. **Texto e Gramática**. São Paulo: Contexto, 2006.

PLAZA, Alberto Bustos. **Combinaciones verbonominales y lexicalización**. Frankfurt: Peter Lang, 2005

ROCHA LIMA, Carlos Henrique da. **Gramática normativa da língua portuguesa**. 38ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1992.

SCHER, A. P. **As construções com o verbo Leve Dar e Nominalizações em -ada no Português do Brasil**. Tese (Doutorado em Letras). UNICAMP, Campinas, São Paulo, 2004.

SAUSSURE, Ferdinand. **Curso de linguística geral**. São Paulo: Cultrix, 2006 [1915]

SMARSARO, Aucione D., **Descrição e Formalização de palavras compostas do português do Brasil para a elaboração de um dicionário eletrônico**. 2004, 154 f. Tese (Doutorado em Letras) Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, PUC-Rio, Rio de Janeiro, 2004.

TRASK, R. L: **Dicionário de linguagem e linguística**. Tradução Rodolfo Ilari. São Paulo: Contexto, 2004.

VALE, Oto. Expressões cristalizadas do português do Brasil: uma proposta de tipologia. Tese de Doutorado, Araraquara, UNESP, 2001.

WILSON, Victoria; MARTELOTTA, Mario Eduardo; CEZARIO, Maria Moura. **Linguística: fundamentos**. Rio de Janeiro: CCAA Editora, 2006.

ANEXOS

1. PASSAR DO PONTO

2. O ônibus passou do ponto.

3. O doce passou do ponto.

A) Distribuição Sintática

1.1 Maria passou do ponto (?)

1.2 O carro passou do ponto

1.3 *O arroz passou do ponto

1.4 *O avião passou do ponto

1.5 A bicicleta passou do ponto

1.6 A moto passou do ponto (?)

1.7 O táxi passou do ponto

B) Relativa

1.8 O ponto de que o ônibus passou estava cheio.

1.9 O ponto pelo qual o ônibus passou foi extinto.

1.10 *O ponto de que o ônibus passou era de crochê.

1.11 *O ponto de que o ônibus passou era o ideal para ir ao forno.

1.12 *O ponto de que o ônibus passou foi alugado.

1.13 *O ponto de que o ônibus passou era gráfico.

1.14 *O ponto de que o ônibus passou era de vista.

1.15 O ponto de que o ônibus passou era em Vitória.

C) Coordenação

1.16 O ônibus e a van passaram do ponto.

1.17 *O ônibus e o brigadeiro passaram do ponto.

1.18 O ônibus e Maria passaram do ponto. (?)

1.19 *O ônibus e a reta passaram do ponto.

D) Apassivação

1.20 *O ponto foi passado pelo ônibus.

A) Distribuição Sintática

- 3.1 A laranja passou do ponto.
- 3.2 *Maria passou do ponto.
- 3.3 A massa passou do ponto.
- 3.4 *O táxi passou do ponto.
- 3.5 *O refrigerante passou do ponto.
- 3.6 O pastel passou do ponto. (?)
- 3.7 *O cachorro passou do ponto.

B) Relativa

- 3.8 *O ponto (de) que o doce passou era o certo.
- 3.9 *O ponto (de) que o doce passou era o de enrolar.
- 3.10 *O ponto (de) que o doce passou foi extinto.
- 3.11 *O ponto (de) que o doce passou era o ideal para ir ao forno.
- 3.12 *O ponto que o doce passou foi alugado.

C) Coordenação

- 3.13 O doce e a massa passaram do ponto.
- 3.14 O doce e a laranja passaram do ponto. (?)
- 3.15 O biscoito e o doce passaram do ponto.
- 3.16 O pão e o doce passaram do ponto.
- 3.17 O doce e o feijão passaram do ponto. (?)
- 3.18 *O doce e o ônibus passaram do ponto.
- 3.19 *O doce e Maria passaram do ponto.

D) Apassivação

- 3.20 *O ponto foi passado pelo doce.
- 3.21 *O ponto do doce foi passado por Maria.

Os enunciados 1 e 2 possuem a mesma estrutura sintática: um substantivo (masculino-singular) ocupando a primeira casa argumental anteposta ao verbo; verbo PASSAR conjugado na 3ª pessoa do singular; pretérito perfeito, modo indicativo; segunda casa argumental, posposta ao verbo, preenchida por um sintagma preposicionado (de + nome), composta de

sintagma nominal antecedido por determinante (artigo definido “o” em contração com a preposição “de”). Embora contemplemos a mesma estrutura sintática, percebemos uma grande diferença semântica que é constatada a partir da escolha do tipo de argumento que ocupa a primeira casa argumental, ou seja, o sujeito.

Percebemos que no primeiro enunciado:

1) *O ônibus passou do ponto*

O sujeito ônibus possui traços de agentividade, visto que o sentido do verbo passar, nesse contexto, é de ultrapassar, ir além de, denotando ideia de movimento físico/espacial, de atividade realizada pelo sujeito, mesmo esse sendo não-humano, inanimado, mas concreto. O sentido de passar como ultrapassar, ir além de, juntamente com o sujeito ônibus, ou qualquer outro meio de transporte coletivo/alugado, exige um complemento preposicionado expresso por locativo que pode vir de forma elíptica: “O ônibus passou.” A partir desse contexto estabelecido pelo enunciado 1, podemos afirmar que o sintagma preposicionado “do ponto” significa “lugar de embarque e desembarque de passageiros em veículos coletivos (ônibus, taxis, etc) e que o verbo se comporta de forma plena estabelecendo a idéia de movimento/ deslocamento espacial. Podemos afirmar também, a partir dos testes feitos com a estrutura (distribuição sintática, relativa, coordenação e apassivação) que o sentido tanto do verbo quanto do complemento preposicionado só serão mantidos se o sujeito for representado por qualquer transporte coletivo/alugado, caso contrário, o enunciado passa a ser mal visto pelo falante nativo, só poderão ser coordenadas as estruturas que apresentarem o mesmo estatuto sintático, não havendo entre elas uma disfunção semântica como é o caso da construção 1.16 que é totalmente aceitável pelo falante.

Já o segundo enunciado:

2) “O doce passou do ponto.”

Revela-nos um comportamento diferente quanto a primeira casa argumental. O substantivo doce, sujeito da oração, não apresenta, também, traços humanos, tampouco animados, no entanto realiza-se como concreto, entretanto, diferentemente do sujeito ônibus, do enunciado 1, o sujeito doce revela-se como paciente ou objetivo pois é afetado pelo sentido que o verbo indica, uma situação, passou de uma condição para outra. O sentido de passar com o sujeito expresso por nome de alimento, mais complemento expresso pela forma de + nome indicativo de limite/estado (ponto) significa ir além, exceder, extrapolar do tempo de preparo. A partir desse sentido podemos afirmar que o sintagma preposicionado composto por preposição + determinante + substantivo possui traços da abstratização, se comparado ao primeiro enunciado, e tem o significado de grau adequado de cozimento de qualquer alimento, especialmente daqueles feitos com açúcar ou qualquer tipo de calda; ou, até mesmo, o momento ideal do processo de preparo em que se deve desligar o fogo, ou parar de mexer, para que se consiga, posteriormente, ao esfriar, alcançar o objetivo esperado: enrolar, cortar, modelar...

A análise desses dois exemplos comprovam que a mudança de sentido tanto do verbo, quanto dos complementos é imposta/motivada pela escolha do substantivo/argumento que ocupa o lugar de sujeito da oração.

Importante ressaltar que ao fazer alguns testes com a estrutura PASSAR + preposição DE foi detectada uma certa regularidade referente ao seu sentido. A maior parte dos casos denota o sentido de: extrapolar, transpor, superar, exceder, ir além de, ultrapassar.

4. Maria passou da idade.
5. O menino passou da hora de nascer.
6. A conta passou da data de vencimento.

7. O leite passou da validade.
8. A fruta passou do tempo de comer.
9. A fruta passou da época.
10. O carro passou da velocidade limite.

2. PASSAR O PONTO

1. Passa-se este ponto

2. Lúcia passou o ponto

O enunciado 1 apresenta o verbo *passar* como verbo transitivo direto no presente do indicativo, na 3ª pessoa do singular acrescido da partícula –se, partícula apassivadora, protagonizando uma voz passiva sintética, com sujeito simples [+hum], [+anim], [+concr], paciente, por ser afetado pela ação expressa pelo verbo, determinado pelo pronome demonstrativo, posposto ao verbo; ao passo que o enunciado 2 apresenta um substantivo próprio ocupando a 1ª casa argumental com traços [+hum], [+anim], [+concr], reconhecido como sujeito agente. No entanto, percebemos, nos dois enunciados, o mesmo sentido do verbo *passar*, que se apresenta como “vender, pôr a venda, ceder mediante pagamento”.

Esta estrutura *passar o ponto* ou *passar algum tipo de lote*, ou *estabelecimento comercial*, é muito recorrente no gênero classificados, visto que a intenção de tal gênero é expor aquilo que está à venda ou à disposição para locação. Interessante ressaltar que o substantivo *ponto*, neste contexto, seria uma designação genérica para estabelecimento comercial, no entanto o novo proprietário, o qual venha a adquirir o ponto, não precisa, necessariamente, continuar com o mesmo ramo de comércio já existente. Em uma pesquisa rápida em alguns classificados, percebemos que, quando há a necessidade de continuar no mesmo ramo comercial e a intenção é apenas a mudança de

proprietário, o termo ponto é menos recorrente e o termo específico (bar, restaurante, pizzaria...) prevalece como em:

“*Passa-se Loja de cabelos com toda estrutura com ar*”
(imóveis.trovitebrasil.com.br)

“*Passa-se barzinho, todo equipado, com materiais de boa qualidade...*”
(www.classificados-brasil.com)

3. PASSAR ROUPA

Com dois complementos apagáveis: um expresso por nome designativo de roupa e outro da forma **a** + nome **ferro** (de passar roupa), significa alisar. Ex.: *Maria passou a roupa branca com o ferro / Pago a empregada para lavar, passar e cozinhar.*

No entanto, deve-se trabalhar com as possibilidades de interpretação e ambiguidades possíveis, assim parte-se dos seguintes exemplos:

1. **Maria passou a roupa para a festa.**
2. **Maria passou a roupa para João trabalhar.**
3. **Maria passou a roupa para João pela janela.**

No exemplo 1, o verbo passar admite três casas valenciais preenchidas, a primeira pelo sujeito (Maria), a segunda pelo objeto direto (a roupa) e a terceira pelo objeto indireto (para a festa). O sujeito de tal enunciado é designado por um ser humano, agentivo; o objeto direto com um traço menos humano, mais concreto, designativo de peça de roupa; ao passo que o objeto indireto é designado por um ser com traço humano e com valor de beneficiado. A partir da estrutura acima, o sentido atribuído ao verbo *passar* é de alisar, pois a

localização dos elementos descritos em torno do verbo fazem com que o seu sentido perpassa o seu valor prototípico.

No exemplo 2, o verbo admite três casas valenciais preenchidas, a primeira pelo sujeito (Maria), a segunda pelo objeto direto (a roupa) e a terceira pelo objeto indireto (para João trabalhar). Neste exemplo, também, o sujeito é humano e agentivo; o objeto direto com um traço menos humano, mais concreto, designativo peça de roupa; ao passo que o objeto indireto é designado por um ser com traço humano e com valor de beneficiado. No entanto, o sentido do enunciado tende a ser ambíguo, pois a o sujeito (Maria) pode ter feito o ato de alisar a roupa ou de deslocá-la, entregá-la a João.

Já no exemplo 3, o verbo admite quatro casas valenciais preenchidas, a primeira pelo sujeito (Maria), a segunda pelo objeto direto (a roupa), a terceira pelo objeto indireto (para João) e a quarta pelo adjunto adverbial (pela janela). Neste exemplo, também, o sujeito é humano e agentivo; o objeto direto com um traço menos humano, mais concreto, designativo de peça de roupa; o objeto indireto é designado por um ser com traço humano e com valor de beneficiado; ao passo que adjunto adverbial, que também é considerado como um argumento importante dentro do enunciado, indica locativo e faz com que o verbo *passar* retome seu sentido prototípico de *deslocar de um lado a outro*, acabando assim com a possibilidade de ambigüidade.

4. PASSAR O BIFE

O verbo PASSAR com complemento expresso por nome designativo de alimento que se prepara ao fogo, em chapa ou frigideira, com pouco óleo ou sem óleo, significa grelhar, fritar. Ex.: *Maria passou o bife para o almoço*. Indica ação-processo, visto que “atinge um complemento que expressa uma mudança de estado, de condição ou de posição, ou, então, algo que passa a existir” (BORBA, 1996).

No entanto, deve-se trabalhar com as possibilidades de interpretação, ambiguidades possíveis, assim parte-se dos seguintes exemplos:

1. **Maria passou o bife para João almoçar;**
2. **Maria passou o bife grelhado [da travessa] para João almoçar;**
3. **Maria passou para João o bife grelhado da travessa**

No exemplo 1 temos o sentido atribuído ao verbo PASSAR de grelhar, fritar, pois as casas argumentais em torno do verbo estão preenchidas com complementos que levam a tal interpretação: a 1ª casa preenchida por um nome humano, agentivo; 2ª casa preenchida por nome concreto, designador de alimento, no entanto devemos atentar para o tipo de complemento de nome de alimento que esse verbo, com o valor de grelhar, requer, visto que não é qualquer alimento que nos levaria a uma estrutura aceitável de acordo com o exemplo 1, como:

- a. ***Maria passou a alface para João almoçar;**
- b. ***Maria passou o arroz para João almoçar;**
- c. ***Maria passou o leite para João almoçar;**

Podemos concluir que o sentido de passar como grelhar só é conseguido a partir de complementos que se refiram a alimentos que possam ser **grelhados, fritos de um lado e do outro**, para preencher sua 2ª casa argumental como: bife, picanha, carne de hambúrguer... caso isso não ocorra, seu sentido prototípico é retomado, sentido de deslocamento. Vale lembrar que em todos os exemplos acima (a, b e c), o verbo PASSAR, sintaticamente, é classificado

como verbo transitivo direto e o restante da estrutura (*para João almoçar*) seria classificado como oração subordinada adverbial final reduzida de infinitivo.

Já no exemplo 2, o sentido prototípico é retomado se acrescido à casa argumental, um complemento indicador de locativo, visto que o valor de deslocamento é retomado e se especificarmos:

2. Maria passou o bife *da travessa* para João almoçar;

Já no exemplo 3, com o complemento designativo de alimento afastado do verbo, o valor de expressão é menos forte, prevalecendo assim a o sentido prototípico e também, o complemento indicador de locativo permanece na estrutura, reforçando seu sentido de deslocamento.

3. Maria passou para João o bife da travessa

5. PASSAR PELA PONTE

O verbo PASSAR com nome designativo de locativo se apresenta em sua forma prototípica com o sentido de deslocar-se, atravessar, transpor: Ex.: *Maria passou pela ponte*. Exige sujeito agente e complemento expresso por nome concreto locativo

1. Maria passou pela ponte

Mesmo com transformações, com acréscimo de outros complementos, o sentido não se altera:

Maria passou pela ponte de Vitória

A ponte que Maria passou é grande

Maria passou pela ponte devagar

Maria pela ponte passou cedo

Maria passou pela ponte de carro

No entanto, é potencial a seguinte estrutura:

O carro passou pela ponte

Na estrutura acima não possuímos sujeito agente, pois consideramos agente aquele que possui traços mais humanos, no entanto parece-nos um caso de metonímia, onde o agente é substituído pelo objeto, carro; mesmo assim, o verbo se realiza com seu sentido pleno e prototípico.

6. PASSAR BATOM

O verbo PASSAR com nome designativo de [cosmético](#) usado para dar cor aos lábios; com ou sem brilho, realça a boca e é disponível em várias cores e marcas, adequando-se a diversos gostos, se apresenta com o sentido de movimentar de um lado a outro, contornar: Ex.: *Maria passou batom*. Exige sujeito agente e complemento expresso por nome concreto. Sintaticamente é classificado como verbo transitivo direto ou verbo transitivo direto e indireto:

- 1. Maria passou batom.**
- 2. Maria passou batom nos lábios.**

O sentido do verbo se distancia da prototipicidade, isso pode ser confirmado se fizermos distribuição paradigmáticas:

***Maria atravessou batom nos lábios.**

***Maria transpôs batom nos lábios**

***Maria deslocou batom nos lábios**

Importante ressaltar que o verbo *passar* nessa construção (1) também se realiza como verbo-suporte, para confirmação disso apliquemos dois dos testes de verificação, a transformação da estrutura para a forma relativa e o apagamento do verbo:

- a. **Maria *passou* batom**
- b. **O batom é vermelho**
- c. **O batom *que* Maria *passou* é vermelho**
- d. **O batom de Maria é vermelho**

A junção da estrutura (a) com a (b), por meio do pronome relativo *que* ocorre a transformação para a forma relativa. O apagamento do verbo-suporte e do pronome relativo, resultando a estrutura (d), confirma o valor vazio do verbo e ratifica o sentido maior presente no nome. Importante ressaltar que nem sempre as expressões com verbo-suporte terão um verbo pleno equivalente.

1. PASSAR UM SABÃO

O verbo PASSAR, com sujeito agente com características humanas, com complemento de substância detergente, usada com água para lavar roupa, utensílios, superfícies etc. e complemento preposicionado designativo de peça de roupa, contém o sentido de esfregar, lavar, limpar. Sintaticamente pode ser classificado como verbo transitivo direto e indireto: Ex.: *Maria passou um sabão no vestido.*

No entanto, essa mesma estrutura pode ter seu valor semântico modificado se os complementos forem de natureza diferente. Com sujeito agente com características humanas e complemento preposicionado com traço humano ou

animado, o substantivo sabão contém sentido conotativo de advertência, bronca; e o sentido do verbo sofre alterações, realizando-se como expressão fixa com o valor semântico de censurar, repreender, advertir. Ex.: *Maria passou um sabão em João.*

Distribuição sintática

- a) Maria passou um sabão em João.
- b) *O sabão que Maria passou em João é cheiroso;
- c) O sabão que Maria passou em João é vergonhoso;
- d) *João recebeu um sabão cheiroso de Maria
- e) *O sabão que Maria deu para João é gorduroso

Verificamos que com a distribuição sintática, a expressão passar sabão não admite adjetivos referentes a sabão em sua forma de produto de limpeza, porém admite adjetivos que pertencem ao campo semântico de censura, repreensão, advertência como: vergonhoso, humilhante, constrangedor... e também, a palavra sabão, dentro da expressão pejorativa, admite alteração com palavras de mesmo campo semântico como:

- f) Maria passou um sermão em João.
- g) Maria passou uma advertência em João.
- h) Maria passou uma repreensão em João.

Importante ressaltar que essas estruturas (f, g e h) admitem a substituição do verbo PASSAR pelo verbo DAR, o que nos tende a classificar o verbo, nessa estrutura, como verbo suporte:

- i) Maria deu um sermão em João.
- j) Maria deu uma advertência em João.
- k) Maria deu uma repreensão em João.

Vejamos dentro das transformações para relativa e o apagamento do verbo para confirmarmos mais uma caso de esvaziamento ou verbo-suporte:

- k) *Maria passou um sabão em João*
- l) *O sabão de Maria surtiu efeito*
- m) *O sabão que Maria passou em João surtiu efeito*
- n) *O sabão de Maria em João surtiu efeito*

Assim como:

- *O sermão de Maria em João surtiu efeito*
- *A advertência de Maria em João surtiu efeito*
- *A repreensão de Maria em João surtiu efeito*

A junção da estrutura (k) com a (l), por meio do pronome relativo *que* (m) ocorre a transformação para a forma relativa. O apagamento do verbo-suporte e do pronome relativo, resultando a estrutura (n), confirma o valor vazio do verbo e ratifica o sentido maior presente no nome. Importante ressaltar que nem sempre as expressões com verbo-suporte terão um verbo pleno equivalente.

2. PASSAR BONS MOMENTOS

- 1) Maria passou bons momentos com João
 - 2) Maria passou bons momentos no ano de 2009
- 1.1) *Maria passou a ponte com João

- 1.2) *Maria passou bons momentos a ferro com João
- 1.3) Bons momentos foram passados por Maria com João
- 1.4) *Maria passou a mulher com João
- 1.5) *Maria passou bons momentos e roupas com João
- 1.6) *Maria passou bons momentos e o rodo com João
- 1.7) Maria passou bons momentos e férias com João
- 1.8) *Maria passou bons momentos e a esposa de João
- 1.9) Maria passou bons momentos e perrengues com João

A partir das transformações de distribuição sintática, percebemos que o sentido de PASSAR como viver uma experiência agradável, ou desagradável se trocarmos o adjetivo BOM por MAU nas construções acima, denota a necessidade de um complemento abstrato que desencadeie um contexto temporal ou situacional passível de ser vivenciado, negando a possibilidade de complementos concretos que ativem outros sentidos do verbo como os sentidos de alisar, deslocar-se, roubar, mudar de posição social ou status, etc.

3. PASSAR A + SUBSTANTIVO

Passar a + substantivo que indique profissão ou algum tipo de cargo, indica mudança, ascensão. Início de algum tipo de mudança.

- 1) João passou a titular da seleção

Diferente ou semelhante a estas estruturas:

- 1.1) *João passou pela seleção
- 1.2) (?) João passou a titular da seleção e a namorar
- 1.3) *João passou pela escola
- 1.4) *A titular João foi passado
- 1.5) *João atravessou a titular da seleção
- 1.6) *João ultrapassou a titular da seleção
- 1.7) João foi promovido a titular da seleção

- 1.8) *João passou o carro e a titular
- 1.9) *João passou a irmã e a titular
- 1.10) *João passou o dinheiro e a titular
- 1.11) João passou a titular e a capitão do time.

Importante ressaltar que para que duas sequências passem a ser coordenadas é necessário que apresentem o mesmo estatuto sintático e não haja entre elas uma disfunção semântica, diferente do caso da última construção, 1.11, que contém dois complementos que indicam mudança/ascensão de cargo ou função no meio futebolístico: titular e capitão.

4. PASSAR DE + NUMERAL

Passar de + numeral ou substantivo abstrato indicador de prazo, possui o sentido de ir além de, acabar, expirar.

- 1) Já passa de meia-noite
- 2) O documento passou do prazo/ da data do pagamento

Nota-se que a escolha do sujeito não interfere no sentido, ao passo que a escolha do argumento posposto ao verbo é crucial para a relação exata de sentido desejado

